

Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas

3.4

Relatório regional

Porto Alegre



Equipe

Supervisor

Nilton Bueno Fischer

Pesquisadoras assistentes

Carmem Zeli Vargas Gil

Nara Vieira Ramos

Nilda Stecanela

Sueli Salva

Sumário

1. Apresentação

2. Introdução

2.1 Grupos de Diálogo: a concepção de diálogo com a qual trabalhamos

2.2 A questão da participação: nosso tema central da pesquisa

3. A metodologia em ação

3.1 Os Grupos de Diálogo na Região Metropolitana de Porto Alegre

3.1.1 Organização das equipes

3.1.2 Os diferentes grupos

3.1.3 A convocação dos(as) jovens

3.1.4 O transporte .

3.1.5 O local de realização dos Grupos

3.1.6 Algumas surpresas

3.1.7 Alguns casos interessantes

3.2 O Dia de Diálogo passo-a-passo

3.2.1 O Guia do(a) Facilitador(a): as adaptações que foram necessárias localmente, suas possibilidades e limites

3.2.2 A facilitação e os diferentes papéis

a) Do(a) facilitador(a)

b) Dos(as) bolsistas

c) As adaptações realizadas

3.2.3 Instrumentos de Diálogo

a) Cadernos/roteiros para o Diálogo

b) *Banners*

c) CD-ROM

d) Fichas Pré e Pós-Diálogo

3.2.4 Perfil dos(as) participantes

a) Tabela 1 – Número de jovens convocados(as) x número de jovens presentes por Grupo de Diálogo e no Geral

b) Distribuição dos(as) jovens conforme: idade/sexo/classe/local de moradia

c) Perfil dos(as) jovens participantes: jovem que trabalha/que não trabalha/jovem que estuda

3.2.5 A participação dos(as) jovens nos diferentes Grupos

a) Característica de cada Grupo e diferenças entre os Grupos, levando em conta o recorte etário (15-17; 18-24; 15-24) e experiência prévia de participação ..

b) Características e diferenças de gênero, escolaridade, classe e outras

3.2.6 Análise global da metodologia dos Grupos de Diálogo ..

3.2.7 Análise sobre a organização da pesquisa em rede .

4. O conteúdo

4.1 Comentários iniciais

4.1.1 Primeiro Instrumento de Análise: tabela 1 – comentários iniciais (1ª parte)

4.1.2 Segundo Instrumento de Análise: tabela 2 – Comentários iniciais (2ª parte)

4.1.3 Tendências quantitativas: tabelas 1 e 2

4.1.4 Tendências qualitativas: tabela 1 e 2

4.2 Semelhanças e diferenças

4.2.1 Terceiro instrumento de análise – Tabela 3: semelhanças e diferenças da plenária da manhã (1ª parte)

4.2.2 Terceiro instrumento de análise – Tabela 3: semelhanças e diferenças da plenária da tarde (2ª parte)

4.2.3 Análises das semelhanças da plenária da manhã

4.2.4 Análises das semelhanças da plenária da tarde

4.3 Caminhos participativos por GDs

4.3.1 GD1 – 19.03.05 – 15 a 24 anos – Experiência participativa

4.3.2 GD2 – 02.04.05 – 15 a 17 anos

4.3.3 GD3 – 09.04.05 – 18 a 24 anos

4.3.4 GD4 – 23.04.05 – 15 a 24 anos

4.3.5 GD5 – 15 a 24 anos

4.3.6 Análise do processo e conteúdo dos pequenos grupos .

4.4 Caminho síntese por Dia de Diálogo

4.5 Comentários finais (Tabelas 4 e 5) – Obs.4º e 5º instrumento de análise juntos

5. Fichas pré e pós-Diálogo – Tabela 6

5.1 Parte Quantitativa: cruzamento do perfil com a numeração apontada sobre as fichas Pré e Pós.

5.2 Caminho participativo 1

5.3 Caminho participativo 2

5.4 Caminho participativo 3

6. Análise de questões relativas à participação: tendências, interdições, potencialidades

7. Conclusão

8. Bibliografia

1. Apresentação

Este relatório contempla dados e análises da segunda parte da pesquisa *Juventude Brasileira e Democracia: esferas e políticas públicas*, coordenada pelo Ibase e Instituto Pólis, desenvolvida na Região Metropolitana de Porto Alegre, em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, nos meses de março e abril de 2005, a qual caracteriza a parte qualitativa, ou seja, os Grupos de Diálogo.

A primeira parte do texto faz uma reflexão sobre a metodologia em ação, apresentando o processo de constituição, desenvolvimento e perfil dos Grupos de Diálogo da RMPA, descrevendo e analisando os diferentes momentos de realização dos Diálogos.

A segunda parte do texto traz elementos sobre o conteúdo dos Grupos de Diálogo, com ênfase na palavra dos(as) jovens participantes, os comentários iniciais e finais, semelhanças e diferenças apresentadas nas plenárias da manhã e da tarde, os Caminhos Participativos, as problematizações das escolhas e as opiniões – inicial e final – dos(as) jovens a respeito dos Caminhos, além do processo e conteúdo dos Diálogos estabelecidos nos pequenos Grupos da manhã e da tarde. Nas conclusões, são apresentadas algumas tendências, interdições e potencialidades da participação dos(as) jovens em relação aos temas e aos Caminhos Participativos propostos para o Diálogo, tendo em vista o perfil dos(as) jovens da RMPA.

Todo o texto está permeado por análises parciais de cada momento da metodologia, as quais são retomadas nas conclusões. Importante dizer ainda que as análises foram feitas a partir de um olhar vertical de cada momento da dinâmica dos Grupos de Diálogo, combinado com um olhar horizontal para cada uma das tabelas e reflexões compostas, na tentativa de capturar possíveis regularidades entre esses diversos momentos e nas aproximações com totalidades que possam sinalizar características dos(as) jovens da RMPA sobre o tema “participação”.

2. Introdução

2.1. Grupos de Diálogo: a concepção de diálogo com a qual trabalhamos

A pesquisa teve como elemento central o diálogo, numa perspectiva de escuta que vai além de uma simples conversa, na qual pessoas que não se conhecem se encontram para dialogar sobre um tema que não estava, a princípio, na pauta do seu dia-a-dia. O diálogo é uma conversa especial que agrega diferentes pontos de vista. Dialogar sem discutir, ou seja, defender uma opinião sem querer ganhar do outro, estimulando uma cultura democrática em que o diálogo pressupõe a escuta.

O princípio é que o “outro” tem partes da resposta e, por isso, procura pontos em comum na conversa descobrindo novas possibilidades e formas de pensar. Portanto, esse diálogo, que não é a soma das opiniões individuais, apresenta-se simultaneamente como método de investigação e processo educativo ampliado. Para dialogar, é preciso escutar, silenciar, suportar o silêncio do outro, escutar o que o(a) jovem diz quando aparentemente nada diz. É preciso “estar aberto para”. Uma relação dialógica acontece a partir de uma abertura, de um desnudar-se diante do outro, de aceitar-se como ser em permanente formação, em permanente aprendizado. Na concepção de Freire (1997, p. 153-154), há uma razão ética para essa abertura, um fundamento político e uma referência pedagógica, pois *“o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história”*.

Ainda, na perspectiva freireana sobre o diálogo, a metodologia colocada em prática nesta pesquisa estimula, em vários momentos, que os(as) jovens falem a partir de seus contextos de vida, interagindo com os temas propostos (educação, trabalho, cultura/lazer), e os Caminhos Participativos apresentados servem como possibilidade de ação. Portanto, a metodologia cria estratégias para que os(as) jovens tenham o que falar. Conforme Freire (1997),

Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutida, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. (p. 135)

Esse “falar” do(a) jovem se institui partindo do pressuposto de que há algo ainda para ser escutado e aprendido por nós, pertencentes ao mundo adulto. Nessa abertura ao nosso não-saber, faz sentido o saber do outro. De acordo com Freire (1997), esse saber, esse posicionamento que o(a) jovem expressa, pode não coincidir com o nosso ponto de vista. Tampouco a intenção é fazer com que o(a) jovem venha a pensar da mesma forma que pensamos, ou seja, que o(a) jovem passe por um processo de convencimento a partir de nossas idéias. O que desejamos é aprender com as diferenças, como nos diz o autor, *“é no*

respeito às diferenças entre mim e eles ou elas, na coerência entre o que faço e o que digo, que me encontro com eles ou com elas” (p. 152).

É dessa forma que o sentido de “encontro” se amplia, significando mais que um simples reunir-se, tornando-se um “encontro com”, para “aprender com”. Essa postura pode nos trazer mais segurança, pois, ainda na perspectiva de Freire, a *“segurança se alicerça no saber confirmado pela própria experiência de que, se minha inconclusão, de que sou consciente, atesta, de um lado minha ignorância, me abre, de outro, o caminho para conhecer”* (1997 p. 153). Então, a partir disso, podemos afirmar que se estamos dispostos a conhecer optamos por dialogar.

Alberto Melucci (1994) traz essa discussão para dentro do desafio que teremos na análise dos dados coletados a partir dessa metodologia dialógica. Além do que Freire nos apresenta como atitude frente ao outro [nós pesquisadores(as) e os(as) jovens], Melucci nos diz que:

() se partirmos de proposições totalizantes, ao invés de uma proposição da qual se é consciente, então nenhum diálogo ou comunicação é possível. Você pode assumir o ponto de vista de uma outra pessoa somente se você é consciente de sua própria posição no campo, no campo das relações sociais, discursos e linguagens. (p. 158)

Pode-se dizer ainda que a metodologia adotada tem sustentação também em outras pesquisas desenvolvidas com jovens. Como exemplo, podemos citar o *Projeto Juventude*, que desenvolveu uma *“pesquisa qualitativa através da escuta das narrativas da participação juvenil, mapeando as informações sobre juventude no Brasil”*, especificamente as análises feitas a partir da pesquisa de opinião realizada nesse projeto.

2.2. A questão da participação, nosso tema principal da pesquisa

A participação é tema principal da pesquisa *Juventude Brasileira e Democracia: esferas públicas e políticas*, entendendo a *“necessidade que os(as) jovens sejam sujeitos ativos nesse processo ainda inicial de definição de políticas nacionais dirigidas aos setores juvenis da população brasileira”*. Nesse sentido, a pesquisa pretende estimular a participação e a democratização dos processos decisórios e de autonomia dos(as) jovens como atores coletivos, possibilitando a compreensão de quais fatores ou elementos mobilizam os(as) jovens para a participação.

Islas (2002), a partir de suas pesquisas, realizadas no México, discute uma dimensão das políticas de juventude, relacionada à dificuldade de construir dinâmicas que facilitem a participação juvenil. Primeiro, porque ainda é considerada nos marcos de uma participação tradicional; segundo, porque pouco se sabe da vida dos(as) jovens na cotidianidade. Cabe investigar a política da antipolítica juvenil, propondo a questão: *Para quê e onde participar?* O trabalho, a família e as instituições tradicionais (partidos, grêmios, sindicatos) transformam radicalmente a participação juvenil. Para Islas (2002),

a família tem se convertido mais numa relação do que numa instituição [posterga-se a união e a procriação, menos uniões formais, aumento dos divórcios, estar solteiro(a) como um estado permanente e a extensão da coabitação]. O trabalho apresenta-se, cada vez mais, como fator de insegurança na construção de um plano de vida. E os partidos não dizem nada aos(às) jovens.

Para muitos(as), esse contexto se traduz em apatia, desinteresse e individualismo. Talvez devêssemos “*cambiar la mirada*” para pensar de maneira diferente, questionando onde e para quê os(as) jovens participam/participariam. Em outros tempos, essa participação formal construía identidade, respondia a questões “morais” postas pela sociedade e produzia um sentir-se útil na sociedade, através da busca da transformação do mundo. Hoje, trata-se de questionar onde os(as) jovens estão buscando esses significados. Cada vez mais, os(as) jovens vêm-se obrigados(as) a realizar seus planos de vida sem as referências tradicionais. No entanto, os indivíduos tomam consciência de sua individualidade a partir do olhar do outro, num processo intersubjetivo em que *eu sou para ti o tu que tu és para mim* (Melucci, 1992). Portanto, quando se fala em participação juvenil, é preciso investigar onde os(as) jovens estão construindo os nexos emocionais, onde e como estão buscando esse reconhecimento intersubjetivo e onde eles(as) estão tomando consciência de sua individualidade, pois nos fazemos no encontro com o outro.

As contribuições de Melucci (2001, p. 102) sobre as linguagens juvenis a respeito dos conflitos “pós-industriais” também são importantes para compreender as formas de participação juvenil. Essas formas podem estar expressas nas linguagens truncadas, nos silêncios, na expressão das emoções. Dentro do sistema clássico de participação por delegação (representatividade) que se encontram nas organizações como sindicatos, partidos e mesmo dentro do aparelho de Estado, essas linguagens (formas de expressão da cultura juvenil), não têm guarida, não têm reconhecimento. Por isso, a pesquisa procura, radicalmente, “pelo diálogo”, pelo registro dessas falas em suas mais diversas manifestações dentro dos temas propostos – educação, trabalho, cultura/lazer – e suas relações com a sociedade brasileira contemporânea.

3. A metodologia em ação

3.1. Os Grupos de Diálogo na Região Metropolitana de Porto Alegre

3.1.1. Organização das equipes

A equipe da Região Metropolitana de Porto Alegre se constituiu com um perfil acadêmico, vinculada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, composta por dois(duas) doutores(as), três doutorandas, e cinco bolsistas com experiência em iniciação científica junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Tanto o supervisor como as pesquisadoras assistentes possuem inserção com a temática juventude, em outras pesquisas, em dissertações de mestrado e em teses de doutorado. Da mesma forma, os(as) dez bolsistas que apoiaram a investigação têm inserções em pesquisa sobre juventude e também em grupos juvenis.

3.1.2. Os diferentes grupos

Os componentes dos Grupos foram selecionados aleatoriamente a partir de estratos geográficos, sociais, econômicos e também relativos a experiências de participação. Cada um dos Grupos foi organizado segundo as faixas etárias de 15 a 17 anos e de 18 a 24 anos para aplicação da *ChoiceWork Dialogue Methodology*, utilizada na pesquisa *Citizens' Dialogue on Canada's Future: a 21st Century Social Contract*. À referida metodologia foram acrescentados cenários e estratégias metodológicas adequados à realidade brasileira e à especificidade da pesquisa com os(as) jovens.

Nesses cenários, se destacam estatísticas reveladoras de situações sociais ainda injustas, como na área da educação, na qual, no ano 2000, 18 milhões de jovens estavam fora da escola e dois milhões eram analfabetos(as). Em 2001, o desemprego atingia 30% dos(as) jovens entre 15 e 19 anos e 20%, aqueles(as) entre 20 e 24 anos. Na área da cultura, os dados revelam um precário acesso aos bens, serviços e espaços públicos de cultura e lazer, pois mais da metade dos(as) jovens nunca foi a shows e outras atividades culturais, entre outros dados.

a) Grupo de jovens de 15 a 17 anos – 02/04/05

Este foi um Grupo que expressou reflexões importantes sobre os temas do Diálogo. Diferente do Grupo com experiência participativa, este Grupo não apresentou um discurso decorado e reprodutor, nem tampouco dogmático. Foram jovens que falaram pelos(as) jovens, sem censura e a partir de suas vivências em relação aos três temas propostos para o Diálogo: educação, trabalho, cultura/lazer. Mesmo com pouca idade, esse Grupo demonstrou que tinha uma propriedade em relação aos assuntos do Diálogo. Muitos(as) já tinham experiência participativa, mas os seus discursos não expressavam idéias pré-formatadas. Boa parte do que expressaram fazia parte de fatos de suas vivências cotidianas. O trabalho foi levado bastante a sério por esse Grupo.

b) Grupo de jovens de 18 a 24 anos – 09/04/05

Nesse GD, tivemos o maior número de participantes nos pequenos Grupos, ou seja, oito jovens, pois organizamos apenas dois subgrupos. A equipe apontou isso como um ponto positivo, pois o Diálogo ficou mais aquecido, mas, por outro lado, os(as) bolsistas afirmaram que tiveram dificuldades para registrar as narrativas dos(as) jovens. Percebeu-se que os(as) jovens deste Grupo falaram a partir de seus contextos de vida, suas experiências, encontros e desencontros.

c) Grupo de jovens de 15 a 24 anos – 23/04/05

Tivemos, nesse dia, a presença de 20 jovens, que foram distribuídos(as) em três subgrupos. No início do encontro, os(as) jovens estavam quietos(as) e prestavam atenção nas informações que eram passadas. Depois da dinâmica inicial, percebemos que eles(as) demonstravam mais integração. Nesse dia, pela manhã, tivemos problema de falta de luz, então foi necessário improvisar no momento da projeção do CD-ROM. Alguns(mas) jovens participaram da leitura do Caderno, por vontade própria. Durante a tarde, tivemos problemas com o cansaço, sono e desinteresse de alguns(mas) jovens, mas nada que atrapalhasse o andamento dos trabalhos. Foi um Grupo que exigiu um pouco mais dos(as) facilitadores(as) para a participação nos pequenos Grupos.

d) Grupo de jovens de 15 a 24 anos – 30/04/05

Nesse Grupo, especialmente, se evidenciou o pouco uso, por parte dos(as) jovens, da quantidade de informações, dados da pesquisa regional, dados estatísticos do Brasil, dicas sobre os Caminhos e também os compromissos e os “a favor” e “contra” de cada escolha. Também se observou a dificuldade nos encaminhamentos entre semelhanças e diferenças, confundidas como “concordância” ou “discordância”. Embora, com essa constatação, tenha havido o predomínio da expressão “conscientização” de cada um(a) como pré-condição para a ação e até para a escolha de qualquer um dos Caminhos ou de um quarto Caminho. E, contraditoriamente, embora sendo um Grupo mais dispersivo e com atenções voltadas para a interação lúdica ao longo do dia, os recados e cobranças foram feitos no clássico “modelo” que é de culpabilizar o “outro”, no caso a instância governamental federal. Conscientização de um lado e “ação” de outro?

e) Grupo de jovens de 15 a 24 anos e com experiência participativa – 19/03/05

O encaminhamento do trabalho com esse Grupo de jovens foi muito tranquilo, com muitas manifestações, desenvoltura nas interações, atitudes autônomas nos pequenos Grupos. Pode-se afirmar que, para esse Grupo, a presença dos(as) facilitadores(as) nos pequenos Grupos poderia ter sido dispensada, pois, ao chegar às salas de trabalho, os(as) jovens demonstraram compreensão das atividades que deveriam desempenhar e já iniciavam a leitura do roteiro, bem como a discussão dos temas propostos, ou seja, educação, trabalho, cultura/lazer. Percebeu-se certo monopólio na fala dos(as) jovens com experiência de participação no movimento estudantil e nos grupos religiosos.

3.1.3. A convocação dos(as) jovens

O convite para a participação dos(as) jovens foi feito por telefone e por carta. As duas estratégias apresentaram, em todos os Grupos, muitas dificuldades, pois vários números de telefones informados, por ocasião da pesquisa de opinião, já não eram mais os mesmos e os endereços estavam incompletos ou não eram localizados pelos Correios.

Nos contatos telefônicos, algumas vezes era possível perceber as redes estabelecidas pela população, pois muitos telefones pertenciam a vizinhos, amigos e familiares.

Uma constatação importante nesse item se refere ao “modo” como eram feitas as comunicações entre a equipe e os(as) jovens e mesmo com seus(suas) familiares. Predominou uma forma coloquial, ou seja, um verdadeiro convite. Houve situações em que vencia a “pressa”, então os desdobramentos não eram tão positivos. Nesse sentido, alguns telefonemas transcenderam quase os objetivos do convite em si e da pesquisa. Algumas manifestações como “conferir” realmente de onde teria vindo o telefonema, como o caso da mãe que desejava falar com o supervisor, sem nenhum intermediário.

3.1.4. O transporte

As distâncias dos diversos municípios da Região Metropolitana exigiram algumas “madrugadas” por parte dos(as) jovens. Para aqueles(as) jovens que nunca tinham vindo a Porto Alegre, ou mesmo ao *Campus* Central da UFRGS, foi necessário explicitar algumas dicas para chegarem ao local dos encontros. Entre elas, alguns “alertas” a respeito da segurança, especialmente entre o caminho da rodoviária e o *Campus* Central.

Ocorreram situações também de ordem “espacial”, no sentido de ir “monitorando” alguns(mas) jovens via telefone, tanto em ônibus como em carro particular, para escolherem vias expressas mais próximas do *Campus* Central da UFRGS.

Ainda em relação ao transporte, podemos afirmar que a maioria dos(as) jovens se deslocou via transporte coletivo. Os(as) que residem nas cidades mais distantes da Grande Porto Alegre chegavam mais cedo, devido à pouca frequência nos horários do transporte coletivo desses municípios, especialmente aos sábados. Aqueles(as) cujo terminal era na estação rodoviária tinham a possibilidade de vir caminhando até a universidade.

3.1.5. O local de realização dos Grupos

Os Grupos de Diálogo foram realizados na Faculdade de Educação da UFRGS, localizada no *Campus* Central, de fácil localização. No saguão desse andar, os(as) jovens eram recebidos(as) pelo supervisor, demais bolsistas e assistentes de pesquisa. Havia uma mesa com bebidas e lanche, além de música ambiente. Uma sala foi destinada aos(às) acompanhantes, com TV, vídeo, duas opções de filmes e revistas.

O *banner* central da pesquisa estava disposto no saguão do 6º andar e os demais, além dos dados do RS e do Brasil sobre a situação do(a) jovem atualmente, estavam dispostos na sala 601. O auditório da sala 601 é amplo, munido de ventiladores de teto, ar condicionado,

cadeiras confortáveis, bem iluminada e arejada adequadamente. Três *flipcharts* foram dispostos com informações. Microfones, gravadores, *DataShow* e *laptop* foram disponibilizados pela Central de Produções da UFRGS. Havia uma ampla mesa que foi usada como suporte para os materiais a serem utilizados no decorrer do dia.

Os pequenos Grupos foram realizados nas salas imediatamente mais próximas do auditório e foram identificadas por cartões coloridos, seguindo a distribuição dos Grupos, que portavam crachás de identificação com as mesmas cores.

3.1.6. Algumas surpresas

Houve um caso de um jovem portador de necessidades especiais, no qual pudemos destacar a importância do papel da mãe que, ao telefone, informou previamente a condição de seu filho, pois visualmente e mesmo no desempenho, não seria possível perceber as dificuldades, que depois foi observada na escrita, pois na fala, no Grupo, na interação, tudo corria com tranquilidade.

Observamos também que os(as) jovens com experiência em diferentes espaços de participação tinham mais liderança e, às vezes, monopolizavam a conversa. Essa forma de centralização na fala se verificava também com escolarização mais elevada. No conjunto dos cinco encontros, houve a predominância das meninas na fala mais articulada e “solta” nos pequenos Grupos, e uma predominância dos meninos nas plenárias.

3.1.7. Alguns casos interessantes

Um jovem de 32 anos apareceu em nosso quarto GD e foi entrevistado na primeira fase da pesquisa, mesmo tendo informando sua idade à entrevistadora. Segundo depoimento do jovem, houve anuência da entrevistadora em momento final de sua “quota” do dia. A entrevista foi realizada no banco da praça pública na cidade de Canoas.

Uma jovem informou que deu sua entrevista pela janela do local onde trabalha. Outra jovem do segundo GD dormiu no pequeno grupo da tarde e quase não participou, pois não agüentava ficar de olhos abertos.

Um jovem do segundo GD falou apenas uma vez e não sabia ler nem escrever. Desde o início, no *hall* do 6º andar, na hora do café, ao “tentar” assinar a ficha dos direitos de imagem, na realidade tentava usar algumas garatujas como cópia das letras do envelope da carta/convite.

Foi surpreendente também a forma como as pessoas recebiam a informação do pagamento de R\$ 50,00. Alguns(mas), ao falarem do dinheiro, agradeciam e desligavam imediatamente o telefone. Outros(as) ligavam novamente para confirmar se de fato iriam ser pagos os R\$ 50,00. Outros(as), mais discretos(as), ligavam perguntando se ia ocorrer de fato tudo que dizia a carta-convite.

3.2. O Dia de Diálogo passo-a-passo

3.2.1. O Guia do(a) facilitador(a): as adaptações que foram necessárias localmente, suas possibilidades e limites

O Guia constituiu-se numa ferramenta fundamental para o desenvolvimento do Diálogo. A partir das recomendações do Guia, organizamos uma pauta de trabalho e uma nova agenda, mais detalhada. Cumprimos os tempos estabelecidos com pequenos ajustes no terceiro grupo, quando tivemos poucos(as) jovens presentes. A recepção cuidadosa e acolhedora (conversas, músicas, lanches etc.) criou um clima de descontração que aproximou os(as) jovens entre si e a equipe em todos os encontros.

O Guia contribuiu muito para que não fugíssemos dos temas propostos, e os resumos dos Caminhos, além dos compromissos e questão da manhã e da tarde afixados nas salas, foram imprescindíveis para a focalização do Diálogo. As fichas Pré e Pós-Diálogo foram aplicadas segundo o Guia do(a) Facilitador(a), sem problemas.

Para a dinâmica de todas as atividades, bem como para a visão de conjunto sobre os tempos e a distribuição das atividades e sua seqüência, o Guia foi a ferramenta decisiva, estratégica, para o bom andamento dos trabalhos. Como os registros das falas dos(as) jovens foram baseados nessa etapa anterior (e dessa categorização), talvez fosse mais importante entendermos a noção de “processo” dessas atividades e estas serem subsídio para o preenchimento das fichas no final e as mensagens aos(às) “tomadores(as) de decisão”.

Entretanto, a definição das semelhanças e diferenças foi a parte mais exigente e difícil e, nesse ponto, o Guia foi pouco esclarecedor. Em algumas situações, as semelhanças e diferenças eram muito detalhadas em assuntos e não em temas, parecendo que tudo poderia ser semelhança. Também não houve muitas discordâncias/polêmicas, e os Grupos tinham uma marca muito forte do consenso. Em alguns momentos, um Grupo questionava a posição de outro Grupo ou pedia esclarecimento, mas sem grandes discussões. Em outros momentos, destacar semelhanças e diferenças parecia ser definir pontos de concordância e pontos de discordância e não pontos em comum.

O binário – a favor e contra – e a discussão entre migrar de uma categoria para outra, do semelhante para o diferente, muitas vezes ficava assumido como sendo “estar de acordo” e “não estar de acordo”. Sentimos ser esse um elemento “inibidor” para capturarmos melhor o que realmente os(as) jovens desejam dizer sobre algum item, tema ou Caminho.

Por fim, acrescentamos que o Guia do(a) Facilitador(a) poderia ainda incluir, em destaque, a necessidade de recolher os registros feitos pelo(a) jovem redator(a) de cada pequeno Grupo de Diálogo, pois isso permite verificar os filtros que são feitos entre as narrativas dos(as) jovens dos pequenos Grupos, os registros e o que é levado como síntese para a plenária.

3.2.2. A facilitação e os diferentes papéis

a) Do(a) facilitador(a)

No RMPA, tivemos três facilitadores(as), que atuavam em forma de rodízio nas atividades do Dia. Isso oportunizou uma ação complementar e vigilante na aplicação das orientações do Guia. Isso dependia da situação, quando havia menos grupos e também quando precisávamos de uma combinação entre três funções na ação do(a) facilitador(a): 1) problematizar com os(as) jovens; 2) alguém que auxiliava o que vinha do(a) facilitador(a) e/ou dos(as) jovens para auxiliar no registro e; 3) alguém que registrava no *flipchart* e confirmava as semelhanças e diferenças com os(as) jovens, solicitando inclusive ajuda para eles(as) na melhor redação a ser registrada.

Na dinâmica geral do encontro, todas as atividades tinham um encadeamento que dependia da função do(a) facilitador(a) no sentido de seu gerenciamento. Isso exigiu um tempo que foi utilizado para além da função “técnica” nas plenárias. Especialmente em ocasiões de mudança repentina das condições materiais de infra-estrutura, essa função foi exigida para o redimensionamento das atividades da agenda. Nos dias em que faltou luz, duas manhãs, o uso do CD-ROM foi invertido em sua seqüência (indo para a tarde), mas mantida a sua leitura “dramatizada” com o apoio das assistentes.

O papel do(a) facilitador(a) foi sempre esclarecedor das etapas do trabalho e do objetivo da pesquisa: ouvir os(as) jovens em suas escolhas para ter um Brasil melhor. Em algumas situações, o(a) facilitador(a) foi mais enfático(a), intervindo em função do silêncio dos(as) jovens, das dúvidas ou de alguns(mas) que monopolizavam a conversa. Em outros momentos, o(a) facilitador(a) fazia perguntas para ajudar os(as) jovens a pensar melhor sobre suas escolhas e opiniões, mas foi um papel difícil, pois, como professores(as), estamos sempre falando e fazendo sínteses, ou seja, colocando as palavras na boca dos(as) jovens. As colocações do(a) facilitador(a) procuraram esclarecer os(as) jovens sobre os Caminhos, mas nem sempre isso foi possível. Mesmo que tenhamos seguido o Guia do(a) Facilitador(a), repassando algumas informações e atividades, é nos pequenos Grupos que isso assume mais significado, em que os(as) jovens sentem-se mais à vontade para perguntarem o que, de fato, é para fazer.

b) Dos(as) bolsistas

Os(as) bolsistas participaram de todos os encontros, anotando as falas, interagindo com os(as) jovens nos intervalos e colaborando na infra-estrutura. Faziam comentários importantes nas reuniões da equipe ao final de cada Diálogo que, em geral, eram realizadas no pátio da UFRGS, ao ar livre.

Os registros por eles(as) realizados são subsídios importantes para a análise dos dados, pois muito do que o(a) jovem pensa, ele(a) não consegue expressar na plenária. Assim, dispomos de um rico material, no qual as vozes, os diálogos se mostram com maior inteireza.

Destacamos a presença dos(as) bolsistas com experiência em grupos de jovens e também com iniciação científica, que tiveram um olhar crítico sobre todo o processo, avaliando, inclusive a postura dos(as) facilitadores(as). Mesmo sem conhecer a fundo os passos da metodologia, não se intimidaram a fazer comentários procedentes para a qualificação do Grupo de Diálogo. Além disso, estabeleceram interações muito acolhedoras com os(as) jovens, que chegavam timidamente.

c) As adaptações realizadas

Podemos agrupar as adaptações em duas categorias: de ordem material (infra-estrutura) e na dinâmica das atividades desenvolvidas. Nas adaptações de ordem material, podemos citar o não funcionamento do CD-ROM e falta de luz no prédio, o que levou, nessas ocasiões, ao uso de cartazes, Caderno de Trabalho e comentários.

Fizemos a técnica de integração no turno da manhã em apenas três Grupos de Diálogo. Pensávamos em economizar tempo, mas o efeito descontração foi mais relevante, nos rendendo ao roteiro do Guia do(a) Facilitador(a).

No segundo GD, ficou mais fácil levantar as semelhanças e diferenças a partir da inversão da seqüência pelo(a) facilitador(a), que iniciou pela problematização das escolhas dos Caminhos para a solução dos problemas apontados na plenária da manhã. Em função disso, as semelhanças brotavam e facilitavam o registro no *flipchart*.

Também é necessário salientar que, neste GD, uma outra adaptação foi feita, em que muitos pensamentos foram expressos pelos(as) jovens comentando os compromissos e relacionando-os com as temáticas e problemas vivenciados por eles(as). Esses relatos surgiram porque o(a) facilitador(a) propôs que os(as) jovens lessem cada um dos compromissos e, à medida em que iam lendo, também expressavam suas idéias, como por exemplo, os depoimentos a seguir:

As pessoas das tuas cores eles não 'tão, assim, ajudando os emprego nas 'coisa', assim, sei que tem bastante preconceito, sabe?, enquanto os branco têm mais emprego, assim, os negros estão deixando as pessoas de lado, e nós somos todos 'inguais', né?, isso daí é uma coisa que tem que ser mudada no nosso país. (*jovem participante do GD2*)

O tema preconceito e discriminação sempre estiveram presentes, mas essas narrativas expressam com bastante clareza o que sente o(a) jovem diante do que ocorre no seu dia-a-dia. Em relação a cotas para negros(as), embora seja um assunto atual, e os posicionamentos em relação a suas vantagens e desvantagens ainda não estejam claros, alguns(mas) jovens pensam que ter cotas para ingressar é um demérito, conforme depoimento de uma jovem negra.

Que nem tá havendo em algumas faculdades que têm quotas pra negros. Eu sinceramente acho isso uma besteira, porque todos nós somos seres

humanos, tem prima minha que passou da quota e ela não conseguiu, e ela é uma pessoa esforçada, ela estuda muito, então por que que a gente vai ter quota se a gente só por que a gente é negro? Eu acho isso uma discriminação, eu acho também que é uma discriminação uma discriminação, ahnn eu nun eu nunca vi um negro na presidência da República também, e eu também acho uma discriminação isso

3.2.3. Instrumentos do Diálogo

a) Cadernos/Roteiros para o Diálogo

Foi um instrumento importante com informações que subsidiaram os trabalhos. Os(as) jovens recebiam os Roteiros para o Diálogo na recepção e logo começavam a folheá-lo e lê-lo. As informações sobre os Caminhos eram relevantes, mas a linguagem ainda estava muito na lógica do(a) adulto(a). Muitas informações com dados foram pouco utilizadas pelos(as) jovens nos comentários pós-leitura e nas interações no pequeno Grupo ou nas plenárias. Alguns(mas) jovens elogiaram os desenhos do Caderno, dizendo que eram representativos das diferentes juventudes.

Acrescentando, podemos afirmar que o Roteiro para o Diálogo, registro escrito, é um complemento do CD, cujas imagens, embora sendo as mesmas, são mais esclarecedoras que o texto impresso. Muitos(as) jovens chegavam no pequeno Grupo e ainda tinham na memória dados apresentados no CD.

b) *Banners*

Esse recurso deu um visual bonito à sala, embora poucos(as) jovens tenham interagido com os *banners*, e poucas vezes o(a) facilitador(a) fez referência mais enfática ao conteúdo dos mesmos. Pareciam repetitivos, pois as mesmas informações estavam no Caderno e no CD. É possível que o papel dos *banners* esteja em trabalhar com o processo de identificação a médio e longo prazo, e o CD e Roteiros cumpram sua tarefa em curto prazo.

Para chamar a atenção dos(as) jovens, precisaram ser “indicados” pelos(as) adultos(as). Ficava mais como uma espécie de adorno, bonitos, coloridos, grandes, atuando mais como reforço mesmo das demais informações.

Não observamos nenhum(a) jovem referindo-se espontaneamente aos *banners*, mas isso é difícil de avaliar, pois nem sempre conseguimos saber o que ocorre. Em relação aos dados sobre os(as) jovens, percebemos que um(a) dos(as) jovens anotava esses dados em seu Roteiro para o Diálogo.

c) CD-ROM

Com exceção do primeiro dia, funcionou bem e agradou aos(às) jovens, que ficavam atentos(as) à apresentação. O CD impactou os(as) jovens, especialmente na primeira parte. Talvez os Caminhos pudessem ser detalhados de outra forma para que, quando os(as) jovens

chegassem aos pequenos Grupos, algumas informações já tivessem sido absorvidas, tornando a leitura e a reflexão sobre cada Caminho muito mais agradável e apenas complementar.

Um “clima” convidativo foi passado aos(às) jovens através do CD, pois o texto e as imagens pareciam fugir da idéia de algo “instrucional”, embora houvesse a proposta de tarefas e de “perguntas”. O ritmo do CD foi muito bem dosado: mensagem (conteúdo); imagem (cores, fotos, diversidade de jovens); tarefas (indicação de ênfases em torno das três questões: educação, cultura/lazer e trabalho); tempo [duração e cadência das vozes dos(as) jovens locutores(as) e as dimensões totais do CD, com duração total de 16 minutos].

d) Fichas Pré e Pós-Diálogo

Foi aplicada segundo orientações do Guia, sem adaptações ou problemas.

Projetamos no *Data Show* uma tabela com a escala de 1 a 7 e detalhamos o significado de cada uma das alternativas, associando os números com palavras. Isso ajudou os(as) jovens a posicionarem-se sobre a escolha a ser feita para cada Caminho.

3.2.4. Perfil dos(as) participantes

Na demografia para os Grupos de Diálogo, utilizamos os dados que foram encaminhados através da lista de jovens para participação nos grupos qualitativos da Região Metropolitana de Porto Alegre do Instituto Focus.

a) Número de jovens convocados(as) X número de jovens presentes

Compareceram 98 jovens entre os(as) 296 convidados(as), perfazendo um percentual de 33%. O Grupo que melhor atendeu ao chamado foi o primeiro, jovens com experiência participativa, com 43,6%.

b) Distribuição dos(as) jovens por GD, conforme: idade/sexo/classe/local de moradia

Cerca de 34% dos(as) jovens vieram de Porto Alegre e mais 29% vieram das três cidades mais perto da capital (Alvorada, Canoas e Viamão). As classes C/D/E representaram 67% dos(as) jovens. Os jovens do sexo masculino compareceram em 46% e as do sexo feminino, em 54%. As idades ficaram quase equitativamente distribuídas, pois os(as) jovens de 15-17 anos representaram 49% e os(as) de 18-24, 51%.

c) Perfil dos(as) jovens participantes: jovem que trabalha/ que não trabalha/ jovem que estuda

A maioria dos(as) jovens que participaram dos Grupos de Diálogo estuda e não trabalha, com destaque para o percentual dos(as) que estudam com um índice de 97%, dado diferente da primeira fase da pesquisa, que apontava que a maioria dos(as) jovens entrevistados(as) na pesquisa de opinião está fora da escola. Cerca de 63% não trabalha.

3.2.5. A participação dos(as) jovens nos diferentes tipos de Grupos (comentários sobre o cadastro e a amostra)

a) Característica de cada Grupo e diferenças entre os Grupos, levando em conta o recorte etário (15-17; 18-24; 15-24) e experiência prévia de participação

O perfil dos(as) 98 jovens que participaram nos cinco Grupos de Diálogo, na RMPA, na segunda fase da pesquisa, pode ser assim caracterizado:

Tomando os dois grandes **grupos etários**: 15-17 anos e 18-24 anos, pode-se afirmar que houve uma distribuição proporcional, pois compareceram 48 jovens da primeira faixa etária e 50 jovens da segunda faixa etária.

Relacionando esses dados com a população dos(as) entrevistados(as) na primeira fase da pesquisa – pesquisa de opinião –, percebe-se que o perfil apresenta-se diferente, pois na faixa etária 1 (15-17 anos), havia 30% de jovens, e na faixa etária 2 (18-24 anos), 70%. Houve, portanto, na segunda fase, um aumento significativo da representação dos(as) jovens da faixa etária 1, em contrapartida de um decréscimo da representatividade da faixa etária 2.

b) Características e diferenças de gênero, escolaridade, classe e outras

Tomando a variável **classe social**, verificamos uma proporcionalidade dos(as) jovens presentes nos diversos Grupos de Diálogos de 33% para as classes A/B e de 67% das classes C/D/E. Por sua vez, na pesquisa de opinião, as proporções entre as classes dos 1.000 entrevistados(as) apresentavam um perfil um pouco diferente, ou seja, para as classes A/B, tínhamos 28,5%, e para as classes C/D/E, tínhamos 62,9%. Comparando os números da pesquisa de opinião, não podemos esquecer que havia a alternativa daqueles(as) que não sabiam informar sua classe social.

No que se refere ao recorte de **gênero**, os percentuais nos Grupos de Diálogo apresentaram 47% de jovens do sexo masculino e 53% de jovens do sexo feminino. Os percentuais dos(as) jovens presentes nos GDs apresentaram um viés de maior concentração entre as meninas presentes do que meninos, diferente da proporcionalidade da população entrevistada na primeira etapa, cujo percentual ficou em torno de 50% para cada sexo.

Cabe ainda destacar que, nos Grupos de Diálogo, tomando como base cruzamentos com idade, sexo e renda, se sobressai o grupo das jovens do sexo feminino das classes C/D/E, com 37% (sendo 21% das meninas da faixa etária dos 15 aos 17 anos e 16% entre 18 e 24 anos). O próximo grupo, com maior representação, foram os meninos das classes C/D/E, com 30% (sendo 12% da faixa etária dos 15 aos 17 anos e 18% entre os de 18 e 24 anos). O percentual restante ficou igualmente distribuído entre os(as) jovens do sexo masculino e do sexo feminino das classes A/B, cada um com 17%, independentemente da idade.

Tomando como “grupo de controle” o primeiro GD, realizado na RMPA no dia 19.03.05, com jovens entre 18 e 24 anos com experiência prévia em participação, pode-se deduzir que essa variável tenha influenciado no maior percentual de presença entre os(as) convidados(as) e os(as) que realmente estiveram presentes, com uma média de 43% quando, nos demais GDs, não

passou de 33%. Os(as) jovens da menor faixa etária (15 aos 17 anos), das classes C/D/E desse Grupo foi o percentual maior entre todos os demais, com cerca de 57%. Logo a seguir, temos as jovens do sexo feminino, também desse grupo, com cerca de 50% de presença, também das classes C/D/E.

Considerando os(as) jovens que compareceram a todos os GDs, a maior predisposição para a participação nos Grupos de Diálogo, a partir da carta-convite e dos telefonemas de confirmação, foi a dos(as) jovens das classes C/D/E, com predominância do sexo feminino e da faixa etária dos 15 aos 17 anos, em primeiro lugar, com cerca de 21%; a seguir, os meninos entre 18 e 24 anos, com 21%, e em terceiro lugar, as meninas entre 18 e 24 anos.

3.2.6. Análise global da metodologia dos Grupos de Diálogo

A metodologia apresentou um campo próprio para o levantamento dos interesses dos(as) jovens sobre a participação, pois permite, em todos os seus momentos, reforçar a importância da escuta do outro sobre problemas que lhes afetam diretamente. Ninguém melhor que o(a) jovem para falar sobre sua situação juvenil. Permite também analisar o quanto o(a) jovem pode ser estimulado(a) a participar e a usufruir e também a criar canais participativos. Nas falas finais, ficou muito evidente o quanto os(as) jovens valorizaram o “espaço de participação” criado e, com um simples encontro, já estariam mobilizados(as) a continuarem o diálogo. Alguns(mas) até disseram que voltariam para suas comunidades e que propoiam algo na via do que tinha sido dialogado no encontro. Além disso, muitas ações juvenis praticadas, que estavam no anonimato, emergiram com força e foram socializadas com outros(as) que se aproximavam das vivências relatadas.

Uma coisa muito importante foi ter formado uma opinião diferente. Vim aqui pensando uma coisa e vou sair pensando outra, né?, pensando diferente. *(jovem participante do GD4 – 23.04.05)*

Que não caia esse sábado no esquecimento. Estou ansiosa para chegar na minha cidade e fazer alguma coisa pra tentar mudar. Não vamos esquecer isso, foram colocadas tantas idéias aqui Que não seja só uma pesquisa, mas um programa que perceba como os jovens estão na sociedade. *(jovem participante do GD2 – 02.04.05)*

O que aconteceu de mais importante aqui hoje foi ver que os jovens ainda têm, ainda gostam de falar de política e que existem pessoas pensantes no Rio Grande do Sul, no Brasil, e que eu acho que isso foi importante pra todos que não quiseram falar, escutaram que, eu acho que vai mudar alguma coisa. Um pouquinho que seja, mas vai mudar. Eles vão pensar um pouco mais. *(jovem participante do GD5 – 30/04/05)*

Outro movimento foi observado na transversalidade das relações estabelecidas horizontalmente entre e com os(as) jovens. Nesse sentido, podemos sinalizar as intensas trocas de informações sobre a condição de ser jovem na Região Metropolitana de Porto Alegre como, por exemplo, as condições materiais – preço, segurança e espaços – para os eventos culturais; cursos profissionalizantes; reflexões sobre a escola e as relações professor(a) e aluno(a); projetos e oficinas oferecidos pelo poder público e/ou organizados pela própria comunidade etc. Algumas narrativas podem ilustrar nossas afirmações:

Em Sapucaia, se tu diz assim: ‘eu vou ao teatro’. Teatro? Aonde tu vai no teatro? Não tem. Aí se tu vai vir pra Porto Alegre, a sessão é as oito, dez da noite. Como é que tu vai embora? Essa cultura de teatro, cinema, tu tem que te deslocar de noite, ou de tarde, sozinho, tu não vai, até por uma questão de segurança. (*jovem – do gênero masculino – participante do GD3 – 09.04.05*)

Ao mesmo tempo, se houve trocas significativas entre e com os(as) jovens e desses(as) com a equipe, ocorreram também compreensões mais qualificadas sobre o processo vivido por parte da equipe, especialmente no exercício da escuta sem prescrições, com a vigilância e respeito à fala dos(as) jovens, no cuidado com as sínteses simplificadoras que colocam na fala dos(as) jovens, expressões próprias do mundo adulto.

O ineditismo dessa metodologia tem uma totalidade intencional, através de sua estrutura, dinâmica e seqüência, que facilita o diálogo, com reflexões concatenadas que contribuem para a construção do posicionamento final frente aos Caminhos Participativos propostos em relação aos três temas apresentados.

Essas condições favoreceram o estabelecimento do diálogo que, num primeiro momento, pareceria impossível de ser realizado em apenas oito horas de trabalho. No entanto, a estrutura da metodologia, com opinião inicial e final, permeada pelas outras reflexões do Dia, fornece indicadores da importância da criação de espaços de escuta nos quais os(as) jovens possam se colocar como atores sociais, apontando alternativas para a definição e implementação de políticas públicas. Diante disso, podemos antecipar algumas conclusões, indicando que a política pública poderia ser a própria criação das condições para a escuta, ou seja, na perspectiva de Heidegger, “o deixar ser”. Segundo o autor, a postura de abertura diante desse “não-saber”, que ele chama de “abertura ao mistério”, é o deixar ser às coisas que oferecem a antevisão de um novo enraizamento. Entendemos que há um “novo” que emerge na cena política brasileira via juventude, como sinalizador de iniciativas não prescritivas de parte de algumas instâncias do poder público.

Aliado a esse conjunto de elementos, talvez, mais do que a abertura de espaços para a expressão juvenil, o exercício é importante também porque coloca o(a) adulto(a) na prática da escuta do(a) jovem, não apenas na dimensão da conscientização do valor da escuta do outro, mas porque a execução da metodologia exige uma vigilância constante, tarefa ainda mais desafiadora quando se tratam de facilitadores(as) professores(as).

Outro aspecto que merece análise diz respeito aos rituais de encontro presentes na agenda do Dia e que transcendem o previsível, como, por exemplo, as interações em torno da mesa do lanche, as conversas debaixo das árvores, os deslocamentos para as salas dos pequenos Grupos e as conversas no almoço. Estes momentos permitiram conhecer em detalhes o contexto das entrevistas realizadas na primeira fase da pesquisa.

Vale destacar que há uma diferença nas falas dos(as) jovens quando nos pequenos Grupos ou nos momentos de interação durante o lanche ou mesmo almoço em comparação com as plenárias. Os contrastes de idade, de participação ou mesmo sexo e classe social tendem a se diluir, nesses momentos. Isso não elide o fato que alguns(mas) jovens, negros(as) e mais pobres, ficassem circulando em alguns cantos, ou mais silenciosos(as) e sentados(as) separados(as) dos(as) demais, com pouca “mescla” entre meninos e meninas.

3.2.7. Análise sobre a organização da pesquisa em rede

O Fórum Virtual permitiu uma visão das dimensões da pesquisa em nível nacional. A interlocução realizada em nível nacional através do Fórum foi alimentadora de reflexões teórico-metodológicas importantes e também de trocas afetivas que fortaleceram as equipes regionais.

O estímulo e respeito à livre expressão das diferentes equipes regionais, com suas especificidades, foi uma constante, permitindo análises e recondução do caminho durante a trajetória, num processo de exercício da reflexividade, no qual, a partir dos avanços e dificuldades de uma região, havia a colaboração para o processo da outra.

A pesquisa criou uma rede de parceiros formada por entidades da sociedade civil, de cada uma das oito Regiões da pesquisa, envolvidas na temática da juventude. Isso é de fundamental importância para o debate nacional sobre políticas públicas de juventude. Talvez o grande ganho da pesquisa seja a promoção do debate com organizações da sociedade civil, os(as) políticos(as) e os(as) formuladores(as) de políticas públicas, e também a presença da academia.

4. O conteúdo

4.1. Comentários iniciais

Pela manhã, no início dos trabalhos, os(as) jovens foram convidados(as) a se apresentar, dizendo seu nome e idade e, em uma palavra, sintetizar uma preocupação em relação ao Brasil. O(a) facilitador(a) enfatizou a importância de respeito ao tempo de 30 segundos para cada manifestação. As tabelas a seguir só apresentam os comentários organizados a partir do critério de terem aparecido mais de uma vez na fala dos(as) jovens.

4.1.1. Primeiro Instrumento de Análise: Tabela 1 – Comentários Iniciais (1ª parte)

Comentários Iniciais (temas/ questões)	GD 15-18 (02/04/05)	GD 18-24 (09.04.05)	1º GD 15-24 (23.04.05)	2º GD 15-24 (30.04.05)	GD Exp. Part. 19.03.05	Total
Violência	5	1	3	7	6	22
Desemprego/Falta de oportunidades	10	-	4	6	3	23
Saúde	3	2	-	1	1	7
Educação/Qualificação dos(as) jovens	4	4	6	4	3	21
Preconceito	1	2	1	-	-	4
Drogas	2	1	-	2	-	5
Miséria/ Desigualdade/Pobreza	4	-	1	-	2	7
Sociedade e valores	5	-	-	-	-	5

4.1.2. Segundo instrumento de análise: Tabela 2 – Comentários Iniciais (2ª parte)

Comentários Iniciais (temas/questões)	Grupo de Diálogo: GD 1 – 19/03/05
Observações:	No GD 1 não houve comentários sobre o que preocupa os jovens. Eles foram breves e objetivos, conforme transcrição das fitas e registros dos facilitadores.
Comentários Iniciais (temas/questões)	Grupo de Diálogo: GD 2 – 02/04/05
Violência/ Segurança	<p>“o que me preocupa assim mais é a violência, a parte também da educação, e o desemprego.”</p> <p>“o que me preocupa é a violência e... o desemprego, que tá muito grande no Brasil.”</p>
Emprego/ Trabalho/ Falta de Oportunidade	<p>“o que me preocupa assim mais é a violência, a parte também da educação, e o desemprego.”</p> <p>“o que me preocupa mais é o desemprego e a violência.”</p> <p>“o que me preocupa mais é a dificuldade do jovem entrar no mercado de trabalho.”</p>
Racismo e preconceito	<p>“o que me preocupa mais é a discriminação.”</p> <p>“que me preocupa é a violência o desemprego, tudo né... o racismo, tudo...”</p>
Educação	<p>“o que mais me preocupa é o trabalho infantil e a educação.”</p> <p>“o que me preocupa assim mais é a violência, a parte também da educação, e o desemprego.”</p>
Sociedade / valores	<p>“o que mais me preocupa no Brasil no momento é a fome, e a juventude, e pra onde ta indo a juventude brasileira.”</p> <p>“e o que me preocupa mais é a desigualdade social.”</p>
Saúde	<p>“várias coisas me preocupam, mas o que mais me preocupa é o desemprego, a educação e a saúde.”</p> <p>“o que me preocupa mais é o desemprego e a saúde.”</p>
Desigualdade /pobreza	<p>“e o que mais me preocupa é as crianças sem abrigo.”</p> <p>“Ahhh! Tudo... Saí das periferia...”</p>
Drogas	<p>“o que me preocupa mais é as drogas na juventude.”</p> <p>“e o que me preocupa mais é as drogas.”</p>

Comentários Iniciais (temas/ questões)	Grupo de Diálogo: GD 3 09/04/2005
Aborto	“me preocupa e muito o aborto”.
Violência	“e acho que o que me preocupa mesmo é a violência aqui no Brasil”.
Desemprego/Falta de Oportunidade	“o que me, no Brasil, é o desemprego”. “o que eu acho que falta, é a falta de oportunidade para os jovens”.
Saúde	“acho que o principal de tudo é saúde, tá faltando”.
Educação/qualificação dos jovens	“pô, é uma palavra: educação”. “e o que me preocupa é a qualificação dos jovens”.
Indiferença	“eu acho que a palavra é indiferença”.
Preconceito	“é o preconceito”
Drogas	“ é as drogas”
Desorganização	“acho que é desorganização”
	“pra mim, a base de tudo é a família”
Comentários Iniciais (temas/questões)	Grupo de Diálogo: GD 4 – 23/04/05
Observações:	No GD 4 também não houve esse comentário inicial, conforme as transcrições e relatórios.

Comentários Iniciais (temas/ questões)	Grupo de Diálogo: GD 5 – 30/04/05
Educação	“e o que me preocupa é a educação”.
Viver – geral (condições para)	“o que me preocupa é arranjar um jeito pra viver no Brasil”.
Saúde	“e o que me preocupa é... saúde”.
Drogas	“e o que me preocupa mesmo é as drogas”.
Desemprego	“o que me preocupa é o desemprego”.
Violência	“e o que me preocupa é a violência”.

4.1.3. Tendências quantitativas – Tabelas 1 e 2

A tabela 1, com os comentários iniciais dos(as) jovens, apresenta três grupos de temas que podem ser agrupados por frequência. O primeiro agrupamento envolve os(as) jovens que revelaram que sua maior preocupação é o desemprego, com 23 manifestações, seguido da violência, com 22 manifestações e, em terceiro lugar, a educação e a qualificação dos(as) jovens, com 21 manifestações. No segundo agrupamento, estão os(as) jovens que expressaram ser a saúde a sua maior preocupação, havendo sete ocorrências; a preocupação com a miséria, desigualdade e pobreza teve sete manifestações; com as drogas tivemos cinco manifestações; com a sociedade e os valores tivemos cinco manifestações; e também com o preconceito e a indiferença tivemos quatro manifestações. No terceiro agrupamento, com

apenas uma ocorrência, estão as preocupações com a desorganização, com a família como base de tudo, com o aborto, com a fome, com o Banco Central, com uma forma de viver no Brasil, com a democracia, com a justiça política e com a criminalidade.

A partir dos dados, é possível dizer que há uma presença forte de dois dos três temas ligados ao projeto, ou seja, educação e trabalho. Chama atenção que a questão da cultura não aparece como preocupação inicial nas palavras iniciais dos(as) jovens e deve ser categoria de análise para a equipe, a partir dos Diálogos, se este tema passa a tomar corpo ao longo do Dia de Diálogo, aparecendo ou não com mais força nas palavras finais dos(as) jovens. O tema educação aparece como preocupação dos(as) jovens e de forma equilibrada em todos os Grupos de Diálogo realizados, assim como a violência e o desemprego.

A violência, tema que não é proposta central do projeto, aparece com uma elevada frequência em todos os Grupos, com exceção de um. Um tema que aparece como preocupação acima da média, em relação aos demais Grupos, é o desemprego, na faixa etária dos 15 aos 17 anos, ou seja, os(as) mais jovens estão mais preocupados(as) com o desemprego. Observando dados da pesquisa de opinião, percebe-se que esta é a faixa etária que mais aparece como excluída do mercado de trabalho, devido, provavelmente, a exigência da experiência e idade mínima, sendo que são também os(as) que possuem menos escolaridade:

No que se refere ao desemprego, podemos fazer pontes com a pesquisa de opinião realizada na RMPA, a qual reforça que os índices de desemprego juvenil são elevados. Dos(as) 1.000 jovens entrevistados(as), 55,6% não está trabalhando, e entre esses(as) há predominância das mulheres, com um índice de 67,7%, demonstrando que a realidade do trabalho é mais presente entre os homens. Percebe-se também uma gradativa inserção no mercado de trabalho conforme o aumento das faixas etárias, com 25% na faixa etária dos 15 aos 17 anos, saltando para 47% na faixa etária dos 18 aos 20 anos e chegando aos 57% na faixa etária dos 21 aos 24 anos. Por outro lado, as taxas de desemprego entre os(as) que estão situados(as) entre as faixas etárias de 18 a 20 anos são consideráveis, atingindo o índice de 53%, e dos 21 aos 24 anos num índice de 43%.

Nos Grupos de Diálogo, evidenciou-se que o desemprego é um dos temas que aparecem como preocupação dos(as) jovens. O tempo da juventude é feito do tempo presente, do aqui e agora. Um tempo de possibilidades e limitações. O que se torna preocupante é perceber que, para os(as) jovens da RMPA, seu tempo é povoado de limitações, sendo a mais grave a dificuldade de inserção no mercado de trabalho. A inserção no mundo do trabalho pode significar um rito de passagem para o mundo adulto. De acordo com Melucci (1997), o mundo contemporâneo vive o *“declínio dos ritos de passagem () e a juventude contemporânea tem que encontrar novos caminhos para vivenciar a experiência fundamental dos limites”* (p. 11), e o trabalho poderia se constituir nesse rito de passagem. A medida em que o(a) jovem define e reconhece seus limites pessoais e externos, ele(a) tem a possibilidade de mover-se de acordo

com as regras do tempo social e do tempo interno. A possibilidade de deslocar-se entre esses tempos diversos permite que o(a) jovem vá construindo a sua própria experiência de vida, marcada por diferentes tempos. Ainda de acordo com o autor, *“tais passagens marcam a evolução dinâmica, as metamorfoses da vida pessoal”* (p. 11).

Percebe-se, ao longo de toda a pesquisa, a importância do trabalho para o universo juvenil. Dessa forma, percebemos que a temática do desemprego deve pautar não só as agendas dos(as) jovens, mas também as agendas do poder público. Essa preocupação está de acordo com o pensamento do autor Robert Castel (2003) ao afirmar que o *“trabalho continua sendo uma referência não só economicamente, mas também psicologicamente, culturalmente e simbolicamente dominante”* (p. 238). Outras duas grandes preocupações são pautadas pelos(as) jovens: a educação e a violência. Para os(as) jovens, uma boa educação, seria a porta de entrada para a possibilidade de emprego. A violência atinge o cotidiano dos(as) jovens em todas as esferas citadas por eles(as) – a escola, a rua, os shows, os parques, as praças –, impedindo-os(as) de participar mais efetivamente das atividades culturais por medo. Talvez por isso a cultura tenha ocupado um lugar de pouco destaque para os(as) jovens da RMPA.

Podemos dizer que os(as) jovens da RMPA são profundamente afetados(as) pela impossibilidade de ingressar no mercado de trabalho que exige, cada vez mais, uma formação qualificada e experiência como condição para o ingresso. A impossibilidade de ingressar no mercado de trabalho coloca os(as) jovens em condição de *“moratória social”* (Margullis e Urresti, 2000). De acordo com os autores, existem duas formas de conceber a moratória. Uma denominada social e outra, vital. A moratória vital se refere ao capital temporal que o(a) jovem possui. A moratória social se refere ao tempo disponível para si, sem compromisso com trabalho ou outras tarefas. Os(as) jovens pesquisados(as) da RMPA, que não estão trabalhando, não vivem essa condição como uma vantagem, e sim como um tempo de procura e tentativas de inserção no mercado de trabalho, mais uma vez apontando para o valor que a sociedade e os(as) jovens dão à possibilidade de trabalhar. O tempo da juventude não é um tempo de moratória, é um tempo de procura. Quando não conseguem trabalho, o que deveria ser um tempo de liberdade torna-se um tempo de culpas, um tempo que se gesta com o desejo de trabalhar. O trabalho voluntário pode significar uma moratória sem culpa, uma vez que estão fazendo alguma coisa que lhes dá prazer, que podem ajudar a outras pessoas e também estão ocupando o tempo livre com alguma coisa que é legitimada pela escola, pelo social e permitido pelos pais, ou ainda, fazendo o que gostam de fazer, com o viés da cultura.

4.1.4. Tendências qualitativas: tabelas 1 e 2

A palavra que mais aparece como preocupação inicial é a violência, fortemente associada à educação e ao trabalho. Essa associação ocorreu em apenas um Grupo, o GD dos(as) jovens de menor idade, considerando que os(as) demais se limitaram a dizer a palavra sem maiores comentários. A ausência de comentários sobre a palavra inicial, em quatro Grupos, pode estar

associada às preocupações com o respeito ao tempo de 30 segundos, conforme orientações do Guia do(a) Facilitador(a), seguidas à risca pela equipe.

No quinto GD, composto por jovens de 18 a 24 anos, realizado no dia 30.04.05, a educação aparece associada com a qualificação dos(as) professores(as), falta de professores(as), salários baixos e também com as condições materiais das escolas, com a motivação dos(as) professores(as) e alunos(as), e também com a certificação para o mercado de trabalho. Esses dados apontam que a preocupação dos(as) jovens com a educação não se limita à relação com o saber, mas também com as condições materiais das escolas e com a função do poder público.

Outro tema que não é tema central do projeto, e que aparece de forma isolada, é a saúde. A preocupação com a educação aparece em todos os Grupos, porém de formas diferentes.

No agrupamento feito em torno de três ênfases a partir da perspectiva quantitativa (número de vezes que aparece nos comentários iniciais) pode-se perceber duas perspectivas de “nomear” os problemas do Brasil. A primeira e mais presente é com “a sua condição” de jovem (emprego, escolarização, profissionalização, violência na escola, drogas) e a outra é a condição de “todos(as)” os demais (pobreza, miséria, valores).

Outra constatação, já sinalizada em análises anteriores, se encontra também relacionada com “o ato de nomear” o problema, pois muitos(as) o fizeram de forma “associada” (interligada) a mais de um tema: emprego e violência; escola e segurança; droga e cultura etc. Embora isso não tenha aparecido em todos GDs devido a forma pela qual foi enfatizado o pedido ao(à) jovem falar “estritamente” uma palavra que significasse ser o maior problema para ele(a), no momento. Talvez devêssemos prestar mais atenção nessa articulação “natural” do(a) jovem: tanto no indicar um problema, nem todos(as) foram centrados(as) nas demandas juvenis, mas certamente partindo de sua condição de ser jovem (Melucci, 2001) e também na rapidez de uma só palavra, este(a) se manifestava buscando uma imediata conexão com outro tema.

4.2. Semelhanças e diferenças – Tabela 3

4.2.1. Terceiro Instrumento de Análise – Tabela 3: Semelhanças e diferenças da plenária da manhã – 1ª parte

1ª Semelhança: Interesse/motivação na educação – 4/5 (GD2, GD3, GD4, GD5)

Grupo de Diálogo	1ª semelhança: Interesse/motivação na educação
4º Grupo de Diálogo 18-24 (23/04/05)	“Na escola que eu estudava tinha teatro, dança, tricô para os mais velhos ou quem quisesse mas como era pouca procura fechou. Tinha que ter mesmo com pouca gente”. ‘Os professores tem que fazer mais passeio, mais esportes e tirar os jovens das drogas’.
2º Grupo de Diálogo 15-18 (02.04.05)	“Professores desmotivados e uma melhor qualificação dos professores. Há diferenças entre professor da escola e cursinhos, que são mais criativos. A língua estrangeira está no currículo, mas o jovem sai do ensino médio sem saber falar inglês e isso daria uma melhor qualificação”.
3º Grupo de Diálogo 15-24 (09.04.05)	“Eu não entendi o seguinte...Que tipo de interesse os professores tem que ter? Se a gente que é aluno tem que se interessar e ir atrás do professor, porque tem muita gente que não pergunta pro professor, espera que o professor fale. Como é que o professor vai saber o que tá dentro da tua cabeça que é aluna”?
5º Grupo de Diálogo 15-24 (30.04.05)	“Então, né, para... Motivação né, pra estudar, muitos jovens não querem e acabam influenciando os outros a não... Apareceu motivação sim” Mais motivação dos jovens para estudar e dos professores para ensinar

2ª Semelhança: Infra-estrutura na educação: material e serviços – 3/5 (GD1, GD4, GD5)

Grupo de Diálogo	2ª Semelhança: Infra-estrutura: material e serviços
4º Grupo de Diálogo 18-24 (23/04/05)	<p>“Questão da estrutura do colégio que não tem estrutura para dar aula direito. O governo promete livros, merenda e reforma e não faz nada. Aqui é muito do governo que não faz nada para melhorar, só roubam, não contratam professores”.</p> <p>“Estrutura dos prédios (salas desestruturadas, falta merenda, livros não têm)”.</p>
5º Grupo de Diálogo 15-24 (30.04.05)	<p>“Alunos de escolas públicas sentem mais dificuldades para cursar uma faculdade pública; falta de professores; sem estudo ninguém consegue um emprego;</p> <p>“Mais verbas destinadas a escola pública para que os professores façam boas aulas”;</p>
1º Grupo de Diálogo Experiência Participativa (19.03.05)	<p>“Até mesmo pra incentivá o aluno tá dentro da sala porque hoje em dia nós sabemos que não é somente o professor tá ali e mais um quadro, e sim ter o mínimo de recurso pra poder desenvolver uma boa aula, o professor ter recursos pra poder proceder uma boa aula”.</p> <p>“O nosso grupo deu ali das verbas também, sabe? O que a gente viu ali, essas verbas o que falta pro jovem na sala de aula é uma cadeira decente, é um ventilador, é um quadro, é isso que tá faltando as verbas ali, né, não sei a administração talvez das escolas, os banheiros também são horríveis, é um calor, as classes, eu fui estudar nem mesa não tinha, nem cadeira, eu tive que em outra sala pegá, é superlotação sabe...”</p> <p>“E sabe porque, porque eu acho que muitas vezes não dão, sei lá dinheiro por que eu acho, que eles acham mesmo que os próprios alunos estragam. Eu acho por que também a conta, o tempo como é que se diz, a vai desvalorizando, as coisas vão ficando velhas e eles acham que os próprios alunos que quebram, eu acho que por isso que eles não dão verba isso”.</p>

3ª Semelhança: Salário dos professores – 4/5 (GD1, GD3, GD4, GD5)

Grupo de Diálogo	3ª Semelhança: Salário dos professores
4º Grupo de Diálogo 18-24 (23/04/05)	“questão dos salários dos professores ganham pouco mas também não fazem nada, são tradicionais, e depois fazem greve e os alunos é que não aprendem”. “muito professor se desgasta dando aula de manhã, de tarde e de noite”.
3º Grupo de Diálogo 15-24 (09.04.05)	“Isso o que ela falou no final, de que o professor ganha pouco, tem que ser repassada a verba para que o professor tenha condição de trabalhar
5º Grupo de Diálogo 15-24 (30.04.05)	“Eu vejo desse ponto de vista. O professor é ele que dá o início na vida de um, na nossa vida, eles vão dar um lugar, nós vamos ser os cidadãos, e eles ganham, pra mim, muito pouco, pelos que eles fazem, por estar ali numa sala, eles são e às vezes tem quantas salas, quantos alunos, às vezes tem trinta e poucos, quarenta alunos dentro de uma sala, ou vinte e poucas salas, não sei quantos, às vezes não rende mesmo. Eles perdem tudo, às vezes sábado e Domingo planejando trabalhos e gastando tudo isso. Eu vejo esse ponto de vista”
1º Grupo de Diálogo Experiência Participativa (19.03.05)	“Melhores salários aos professores para que eles possam vestir a camiseta e fazerem boa aula”. “O que falta para o jovem na escola é uma boa cadeira, uma boa sala, banheiros o que? Banheiros limpos? Decentes. Banheiros limpos e decentes. E evitar superlotação”. “Se não tiver recurso, não tem como garantir infra-estrutura. Mais, muitas vezes não dão dinheiro porque os próprios alunos quebram”.

4ª Semelhança: Currículo e metodologia – 3/5 (GD2, GD3, GD5)

Grupo de Diálogo	4ª Semelhança: Currículo e metodologia
4º Grupo de Diálogo 18-24 (23.04.05)	“Tão na forma tradicional, ou seja, passam no quadro e só”.
2º Grupo de Diálogo 15-18 (02.04.05)	“O meu sonho em educação é que o jovem consiga sair do ensino médio, prestar um vestibular na UFRGS e passar, ou seja, estar preparada...”.
3º Grupo de Diálogo 15-24 (09.04.05)	“O ensino atual está deficiente e é necessário melhorias na área porque a formação está incompleta” “Porque a gente não precisa só saber ler e escrever. A gente precisa de algo mais do que isso. Só saber ler e escrever não está adiantando muito hoje em dia. A gente precisa de algo mais...”.
5º Grupo de Diálogo 15-24 (30.04.05)	“... e que a gente pensa assim que os conteúdos, as matérias têm que ser alguma coisa que a gente utilize no nosso dia-a-dia. Porque muitas vezes a gente vai pra escola e pensa assim: ah, porque eu vou estudar...”
1º Grupo de Diálogo Experiência Participativa (19.03.05)	“O professor é ele que dá o início na vida de um, na nossa vida, eles vão dar um lugar, nós vamos ser os cidadãos, e eles ganham, pra mim, muito pouco, pelos que eles fazem, por estar ali numa sala, eles são e às vezes têm quantas salas, quantos alunos, às vezes têm trinta e poucos, quarenta alunos dentro de uma sala, ou vinte e poucas salas, não sei quantos, às vezes não rende mesmo. Eles perdem tudo, às vezes sábado e Domingo planejando trabalhos e gastando tudo isso”.

5ª Semelhança: Experiência para primeiro emprego – 5/5 (GD1, GD2, GD3, GD4, GD5)

Grupo de Diálogo	5ª Semelhança: Experiência para primeiro emprego
<p>4º Grupo de Diálogo 18-24 (23.04.05)</p>	<p>“A maioria das empresas exige experiência, mas o cara é novato. Não dão oportunidade, não sabem do potencial do cara”.</p> <p>“Para ter qualificação tem que ter cursos e o curso é caro. Acho que o governo tem que dar curso”.</p>
<p>2º Grupo de Diálogo 15-18 (02/04/05)</p>	<p>“Na hora de conseguir emprego, somos discriminados porque não temos experiência”.</p> <p>“O valor das passagens é muito alto. Temos dificuldades de arranjar emprego, porque não se quer pagar o valor da passagem”.</p>
<p>3º Grupo de Diálogo 15-24 (09.04.05)</p>	<p>“O problema do jovem é não ter a experiência exigida para trabalhar”</p> <p>“ Como vou ter experiência em carteira se eu nunca trabalhei?”</p> <p>“O jovem tem que ter mais oportunidade para conseguir emprego”. “O jovem de 18 a 25 anos ta abandonado e tem que ter mais valorização”.</p> <p>“Uma frase bem usada por todos os jovens, que tem de 18 a 25 anos, que como eu vou ter experiência se eu nunca trabalhei? Como eu vou ter esse um ano de experiência se eu nunca trabalhei?... Eu gostaria de dizer que eu acho que a gente está precisando de mais oportunidade pra mostrar o que a gente tem para ensinar, o que a gente tem para aprender, né. E a gente não está tendo oportunidade nenhuma, entendeu. Os jovens não estão tendo”.</p>
<p>5º Grupo de Diálogo 18-24 (30.04.05)</p>	<p>“... Eu queria aproveitar pra falar que o trabalho, que a educação está ligada ao trabalho, porque se tu fizeres um bom segundo grau, tu vai ter tal tipos de emprego. Se tu fizer uma faculdade, tu vai ter um emprego bem melhor do que quem está fazendo segundo grau. Se tu fizer uma pós-graduação, tu vai ter um emprego bem melhor. Então, acho que a educação e o trabalho estão ligados neste aspecto”.</p>
<p>1º Grupo de Diálogo Experiência Participativa (19.03.05)</p>	<p>“O salário do pobre que é muito baixo e o salário do rico que bem maior do que o salário do pobre, então eu acho que eles acabam valorizando pela, como é que eu posso dizer pelo, não sei o, um cargo alto, eu acho que eles valorizam pelo cargo”.</p> <p>“Não me recordo bem, mas o empregador no caso, tá exigindo uma experiência dum camarada que tem 14 anos de idade, ele quê que o cara tenha 3 anos de experiência num ramo se agora ele entrou no mercado de trabalho. Eu acho que isso tem que ser revisto. E tem que se procurar esse tipo de melhoria, como é que ele vai exigir experiência dum jovem que tem apenas 14 anos de idade que acabou de tirar a carteira de trabalho”.</p>

6ª Semelhança: Cursos profissionalizantes – 3/5 (GD3, GD4, GD5)

Grupo de Diálogo	6ª Semelhança: Cursos profissionalizantes
4º Grupo de Diálogo 18-24 (23/04/05)	<p>“No ensino médio, devia ter cursos profissionalizantes. Um turno para o estudo e outro para os cursos”.</p> <p>“Eu acho que no trabalho, o governo tinha que dar mais oportunidades, preparação através de cursos profissionalizantes. Dar mais cursos profissionalizantes para o jovem”.</p>
3º Grupo de Diálogo 15-24 (09.04.05)	<p>“Ai que vem o porém. Tem o SENAI, mas muitos adolescentes não tem como pagar o curso. Aí é que entra o porém. O curso até tem, mas o problema é que o adolescente na nossa idade ter a capacitação de pagar, muitos não tem serviço, a família não tem condição, maioria não pode, estuda”.</p> <p>“Não, o que a gente quis dizer é, assim, quando a gente quer, uma das idéias foi minha, a gente quis dizer que todas as empresas deveriam ter projetos. É que a gente quando termina o segundo grau, se a gente não fez curso técnico junto, ou trabalhando durante o segundo grau, a gente não tem chance depois dos 17, 18 anos de entrar em uma empresa. Vamos dizer assim, ao invés só ter o menor aprendiz, ter o adolescente aprendiz. A empresa não é só dar o curso de capacitação, te dar a chance”.</p>
5º Grupo de Diálogo 15-24 (30.04.05)	<p>“Também falta de cursos profissionalizantes para a pessoa poder ingressar no mercado não tem um curso para ele ter um serviço bom, ganhar bem, hoje em dia tu não encontra muito fácil. Às vezes tem que te deslocar de lugar bem longe da tua cidade pra conseguir esse curso e tem que pagar ainda um custo muito alto, e a gente está com carência desses cursos e a oportunidade está muito baixa”.</p>

**7ª Semelhança: Descentralização da cultura e acesso ao lazer –
5/5 (GD1, GD2, GD3, GD4, GD5).**

Grupo de Diálogo	7ª Semelhança: Descentralização da cultura e acesso ao lazer
4º Grupo de Diálogo 18-24 (23.04.05)	“Mais cultura nas cidades porque os jovens estão aí”. “Condições para os mais humildes ir ao teatro, museus”.
2º Grupo de Diálogo 15-18 (02/04/05)	“Espaço apropriado e adequado para a prática de esportes e para o lazer da comunidade”.
3º Grupo de Diálogo 15-24 (09.04.05)	“Importância de trazer a cultura para dentro da escola, para dentro da empresa, mas também para levar a cultura para as pequenas cidades”. “Cultura e lazer devem fazer parte das escolas e das empresas”.
5º Grupo de Diálogo 15-24 (30.04.05)	“Acho que no lazer, o que falta, o nosso grupo enfatizou, é quadras esportivas e outras coisas mais que podem tirar muita gente das drogas e outras coisas, pra... levar pra essas quadras de futebol, volei, e de cultura junto. Lá pra minha cidade, lazer, falta muito ainda. Eu acho que é pouca coisa que muda muita coisa”.
1º Grupo de Diálogo Experiência Participativo (19.03.05)	“Da cultura, nós achamos de semelhança o incen..., os valores, o incentivo a cultura que os outros grupos também frisaram que nós devíamos ter mais incentivo a cultura, né, a shows, ao pessoal ir ao teatro, a todos os adolescentes, os jovem hoje em dia participar mais das atividades culturais nos seus bairros nas suas cidades. E o Lazer incentivá a criação de mais praças, parques, hã, mais atividades esportivas pros jovens hoje”.

8ª Semelhança: Lazer e segurança – 4/5 (GD2, GD3, GD4, GD5).

Grupo de Diálogo	8ª Semelhança: Lazer e segurança
4º Grupo de Diálogo 18-24 (23.04.05)	“Lazer a gente não tem mais! Mas é questão de segurança. A pessoa fica presa em casa”. “As poucas opções que tem muitas vezes não dá para ir por causa da segurança”. “As praças estão abandonadas e em termos de segurança tem horas que não dá para ficar. Não tem iluminação, os caras vão chapados.”
2º Grupo de Diálogo 15-18 (02.04.05)	“Deveria ter mais segurança nos espaços de lazer e cultura, para podermos freqüentar shows e esses espaços”.
3º Grupo de Diálogo - 15-24 (09.04.05)	“Precisa de segurança nos espaços de cultura e lazer. Tem lugar para lazer, mas não tem segurança”.
5º Grupo de Diálogo - 15-24 (30.04.05)	“Quando tem esses shows que a entrada é franca, não paga, é a falta de segurança. Muitos shows dá briga, confusão”.

9ª Semelhança: Lazer e educação – 3/5 (GD2, GD3, GD4, GD5).

Grupo de Diálogo	9ª Semelhança: Lazer e educação
4º Grupo de Diálogo 18-24 (23.04.05)	“O ensino fundamental devia sim ter turno integral e deviam colocar no turno contrário lazer para os jovens”.
2º Grupo de Diálogo 15-18 (02.04.05)	“Falta de espaços culturais nas cidades e de diversidade cultura que não seja só cultura rio grandense, mas cultura nacional”.
3º Grupo de Diálogo 15-24 (09.04.05)	“Para ter lazer e cultura adequada tudo parte da educação. Não adiante revitalizar a praça se haver depredação. As pessoas não cuidam e acaba utilizando por vagabundos”.
5º Grupo de Diálogo 15-24 (30.04.05)	Acho que no lazer, o que falta, o nosso grupo enfatizou, é quadras esportivas e outras coisas mais que podem tirar muita gente das drogas e outras coisas, pra... levar pra essas quadras de futebol, volei, e de cultura junto. Lá pra minha cidade, lazer, falta muito ainda. Eu acho que é pouca coisa que muda muita coisa.

10ª Semelhança: Acesso ao lazer – 5/5 (GD1, GD2, GD3, GD4, GD5).

Grupo de Diálogo	10ª Semelhança: Acesso ao lazer
4º Grupo de Diálogo 18-24 (23.04.05)	“tudo né, falta oportunidade. Aqui em Porto alegre, no Gasômetro tem mas não é sempre que tem oportunidade e a passagem para vim participar de ônibus é cara”.
2º Grupo de Diálogo 15-18 (02.04.05)	“Oportunidade de acesso fácil a teatros, esportes e clubes. A prefeitura deve promover eventos de interatividade entre os jovens de diferentes classes sociais que a prefeitura precisa... que ela tem que...se envolver mais com os jovens, com a política”.
3º Grupo de Diálogo 15-24 (09.04.05)	“Fazer o dia do preço mais acessível para a população de baixa renda para ter acesso ao cinema e ao teatro. Isso ajudaria as pessoas a se conhecerem; os que podem pagar e os que não podem. Não adianta ir ao teatro só um dia, tem que ir mais vezes para conhecer”.
5º Grupo de Diálogo 15-24 (30.04.05)	“Tem que haver também uma diminuição dos preços dos ingressos do teatro... do teatro em si que é muito caro. “De levar a cultura pras cidades de fora, não ficar somente em Porto Alegre. Sair fora do centro do Rio Grande do Sul”.
1º Grupo de Diálogo Experiência Participativa (19.03.05)	“Da cultura, nós achamos de semelhança o incentivo..., os valores, o incentivo a cultura que os outros grupos também frisaram que nós devíamos ter mais incentivo a cultura, né, a shows, ao pessoal ir ao teatro, a todos os adolescentes, os jovem hoje em dia participar mais das atividades culturais nos seus bairros nas suas cidades. E o Lazer incentivá a criação de mais praças, parques, hã, mais atividades esportivas pros jovens hoje”.

11ª Semelhança: Segurança na cultura e no lazer – 4/5 (GD2, GD3, GD4, GD5).

Grupo de Diálogo	11ª Semelhança: Segurança na cultura e no lazer
4º Grupo de Diálogo 18-24 (23.04.05)	“Lazer a gente não tem mais, né... a violência...”
2º Grupo de Diálogo 15-18 (02.04.05)	“Deveria ter mais segurança nos espaços de lazer e cultura, para podermos freqüentar shows e esses espaços”
3º Grupo de Diálogo 15-24 (09.04.05)	“Precisa de segurança nos espaços de cultura e lazer. Tem lugar para lazer, mas não tem segurança”.
5º Grupo de Diálogo 15-24 (30.04.05)	“Quando tem esses shows que a entrada é franca, não paga, é a falta de segurança. Muitos shows dá briga, confusão.”

4.2.2. Terceiro Instrumento de Análise – Tabela 3: Semelhanças e diferenças da plenária da tarde – 2ª parte

1ª Semelhança: Escolha por um quarto caminho combinando os três caminhos – 3/5 (GD1, GD2, GD3, GD5).

Grupo de Diálogo	1ª Semelhança: Escolha por um quarto caminho combinando os 3 caminhos
4º Grupo de Diálogo 18-24 (23.04.05)	“É que nós não escolhemos um só, a gente escolheu um quarto caminho que é a união dos três em primeiro lugar e o dois em segundo lugar. É um quarto caminho a gente escolheu”.
2º Grupo de Diálogo 15-18 (02.04.05)	“Começar pelo caminho 3 é começar por baixo, para espalhar na cidade inteira e para atingir os outros caminhos. É começar pelas coisas que o jovem gosta de fazer pra depois fazer as coisas dos outros dois caminhos”
3º Grupo de Diálogo 15-24 (09.04.05)	“Bom, a gente meio que assim, sobre o trabalho. A gente escolheu o caminho 1, porque não se consegue resolver os problemas sozinhos, porque os governantes tem uma força maior e estão em maior quantidade no poder. Colocar representantes jovens fiscalizando de forma a encaminhar soluções para os problemas das empresas, local visitado. Juntar tipo um grupo assim e fiscalizar hospitais, escolas, asilos, e ver onde estão os problemas, né. E levar para um alguém maior que tenha a palavra, que diga isso vai ser feito e vai ser feito. Não adianta ser voluntário, ir lá no tal lugar, eu vou resolver isso aí. Daí vai falar lá e ninguém vai dar ouvido. Educação, cultura e lazer. Educação, escolhemos o caminho 2. A gente escolheu dois caminhos porque se adaptam melhor. Escolhemos o caminho 2 porque o voluntário ajuda a combater, em parte, o problema do analfabetismo e das dificuldades dos alunos na sala de aula. Na educação. Agora, cultura e lazer. Escolhemos o caminho 3, se adaptou melhor, porque existem muitos grupos, exemplo: música, dança, teatro, dos quais poderíamos participar. E assim, juntando o caminho 2 e 3 poderíamos ter o caminho ideal para a educação cultura e lazer. É isso aí”.

<p>5º Grupo de Diálogo 15-24 (30.04.05)</p>	<p>“Um quarto caminho, ter um quarto caminho, né, que tem um pouquinho dos três caminhos. O quarto caminho tem em volta dele todo um trabalho que seria a concordância do governo e das empresas com o objetivo de dar oportunidade aos jovens que necessitam de experiência. Isso aí é entrar em um acordo, as empresas tivessem um tipo de empregado, entendeu, com o apoio do governo, fazer meio-a-meio, cursos profissionalizantes para entrar naquela empresa. Por exemplo, o governo dá o curso, dá o maquinário e a empresa entra com a vaga, com metade do pagamento, pra incentivar tanto o funcionário quanto o cara que vai empregar. O governo não fica muito, largar na mão o empresário, não dá bola, ou dizer pro empresário que tem que fazer. O governo também tem sua parte. Mas o empresário também tem que ter a sua. É isso aí”.</p> <p>“Tem que ter um caminho 4 que leve à conscientização, evitando a violência”.</p>
<p>1º Grupo de Diálogo Experiência Participativa (19.03.05)</p>	<p>“Bom todos os grupos optaram por um 4º caminho, né? E esse 4º caminho inclui os três caminhos que foram oferecidos, né? Todos são, tem algum benefício, todos ajudam, né, a construir assim, uma educação e melhor e um país mais democrático, enfim, então isso foi assim, né, nos três, nos três grupos, optaram por esse quarto caminho”.</p> <p>“Também, colocá aqui que os três grupos frisaram bem a questão da participação dos jovens dos movimentos estudantis, porque é ali que, é ali que se inicia a reivindicação do jovens, é ali que inicia também a conscientização política da juventude”.</p> <p>“Também queria colocá que nem a nossa colega falou aqui , que toda a ajuda é válida, mas todos os três grupos, eu acho que é uma consciência dos três grupos que se toda a ajuda é válida , mas não quer dizer que nós vamos ficá esperando, certo? E vamos lá cobrar a mudança do governo, a mudança dos políticos porque a nossa ajuda sim é válida, só que não adianta nós fazê e eles não fazê a parte deles”.</p> <p>“A organização de mais grupos criaria o respeito dos políticos porque tu vai tá criando os grupos e vai tá fazendo a coisa séria e vai ter mais respeito perante as autoridades”.</p>

2ª Semelhança: a crença no voluntariado 4/5

Grupo de Diálogo	4ª Semelhança: a crença no voluntariado
4º Grupo de Diálogo 18-24 (23.04.05)	<p>“Eu penso assim, que é legal fazer voluntariado, mas não ajuda muito mas não vai na questão, é amplo, é uma ajuda superficial”.</p> <p>“Esses grupos de voluntários podem organizar torneios. Muitas crianças gostam de jogar e ficam jogando na rua porque não tem lugar. Pegar essas crianças e levar para essas canchas, sair da rua”.</p>
2º Grupo de Diálogo 15-18 (02/04/05)	<p>“Todo mundo tem um tempo livre para ajudar”</p>
3º Grupo de Diálogo 15-24 (09.04.05)	<p>“Não é só no poder que conseguimos a transformação, mas também com os voluntários, que podem atingir aquilo que pensamos. Se o poder até agora não conseguiu, os voluntários podem conseguir ajudar as pessoas”.</p> <p>“Porque o voluntariado é aquilo. O que falta pra mim, o que sobra pra mim falta pros outros, e o que sobra pros outros, faz falta pra mim. Eu acho que o voluntariado é aquela troca. O que sobra pro senhor falta pra mim. O que sobra de mim, falta, de repente, no senhor. Entendeu? No meu ponto de vista é isso, entendeu? O voluntariado”.</p> <p>“Eu acho que a gente tem que fazer pra nós, começar pra nós, e depois pros outros, pra pessoa que tá do meu lado, e essa ajuda outra, e assim indo a gente junte uma grande quantidade de pessoas que possa o governo ouvir. Essa é minha idéia”.</p>
5º Grupo de Diálogo 15-24 (30.04.05)	<p>“Trabalho voluntário através de grupos de apoio”. Os grupos apresentam uma proposta de parceira, nas empresas, colégios, comunidades, para resolver os problemas de educação;</p> <p>Você reunindo um bom grupo de jovens, é possível lutar por diversas coisas. /Se você ver um pessoal mobilizado, eu também vou querer ajudar “.</p>

4.2.3. Análises das semelhanças da plenária da manhã

Nas plenárias da manhã, as semelhanças ficaram distribuídas de acordo com os três temas/problemas apresentados e foram formuladas conforme as próprias palavras dos(as) jovens. Em relação às proporções observadas entre os cinco GDs, podemos destacar as tendências que seguem abaixo.

As proporções mais altas (4/5 e 5/5) poderiam ser entendidas como jovens preocupados(as) com a qualidade na educação [aulas boas e professores(as) motivados(as)] e melhoria na condição salarial dos(as) professores(as), estrutura física da escola. Na mesma intensidade, ficou a preocupação com a crítica pela exigência de experiência para obter o primeiro emprego, e que os eventos relacionados com cultura e lazer sejam descentralizados, facilitando assim seu acesso, e também pelas condições de segurança oferecidas. Num segundo agrupamento (3/5), ficaram os problemas de melhoria no currículo escolar, incluindo o Ensino Profissionalizante, e que lazer e educação estejam combinados. Finalmente, no terceiro agrupamento (2/5), ficaram os atos de violência na escola, os salários baixos pagos aos(as)

jovens, associados com discriminações no local de trabalho (sexo, raça) e o descrédito na condição de ser jovem.

4.2.4. Análises das semelhanças da plenária da tarde

Nas plenárias da tarde, não houve um único Caminho escolhido ou uma “nova” forma de ação para os(as) jovens, pois suas escolhas sempre estiveram em conjunto com os três Caminhos apresentados como alternativas de ação.

A predominância da clara escolha pelo voluntariado, com 4/5 das plenárias da tarde, pode servir para se entender, quase como um pólo oposto, à descrença no Caminho 1 (descrédito na política).

Ao mesmo tempo, a combinação dos três Caminhos revela também essa indissociada ação “complementar” entre as oportunidades para a ação juvenil. Não se espera e nem se delega para o governo a tarefa única de fazer algo para atender aos problemas registrados nas plenárias da manhã.

Analisando os Caminhos enfatizados nas plenárias da tarde e os problemas levantados pela manhã, fica um contraste: não houve uma direta associação entre os desafios (problemas) para o país e como intervir nessa realidade.

Assim, os temas como escola, experiência como requisito para primeiro emprego, segurança nos eventos e descentralização da cultura (e acesso/preços) não têm uma direta relação com o voluntariado. Isso pode ser afirmado observando as tabelas da “proporcionalidade” entre os problemas detectados e os Caminhos propostos. Se forem tomadas as falas dos(as) jovens, se percebe que esse contraditório (paradoxo) estaria mais próximo ao que foi dito em algumas situações mais concretas: dependendo da situação, sim caberá ao governo a responsabilidade da ação. Esta, por sua vez, terá presença colaborativa do(a) jovem em ações pontuais/focais. Salários de professores(as) ou mesmo a sua falta terá o aporte de iniciativas dos(as) jovens em prover aulas e fazer mutirões para equacionar tais situações (aulas para crianças na periferia), ajudando na escola (em não depredar etc.).

Confirma-se, por sua vez, o descrédito nas ações governamentais (mais como uma forma de “julgar” do que de agir). Vale ressaltar novamente que o Caminho 1 ficou muito restrito ao governo do que as outras instâncias coletivas de ação como ONGs, sindicatos e movimentos sociais (inclusive o movimento estudantil).

4.3. Caminhos Participativos

4.3.1. GD 1 – 19.03.05 – 15 a 24 anos – Experiência participativa

As temáticas da manhã do grupo deste GD, em suas três dimensões, revelaram uma tendência em itens mais de ordem estrutural: melhoria na escola em suas condições de infra-estrutura, salário dos(as) professores(as). Por sua vez, no item trabalho, a ênfase ficou na crítica frente às exigências de “experiência anterior” e aos baixos salários pagos aos(às) jovens. Na cultura

e lazer, o foco ficou na necessidade de maior oferta de bens culturais e na necessidade de sua divulgação (socialização das oportunidades/eventos culturais).

Nos Caminhos indicados, a escolha recaiu na combinação dos três Caminhos e na importância da contribuição das iniciativas (culturais e de voluntariado) dos(as) jovens em se mobilizar e influenciar o “mundo adulto” nas políticas públicas.

No primeiro GD, e também nos demais, a riqueza dos comentários realizados nos pequenos Grupos na parte da manhã não segue a mesma intensidade no registro do pequeno Grupo para levar à plenária da manhã. Isso produz perdas qualitativas, pois ao registrar no papel, os(as) jovens filtram muito as discussões e o tempo limitado de cinco minutos restringe ou amedronta-os(as) ao ponto de desconsiderarem coisas importantes vividas no processo.

As trocas realizadas sobre o tema educação e trabalho são mais férteis do que as voltadas para a cultura/lazer. Alguns depoimentos podem ilustrar isso, conforme registros da facilitadora do Grupo: *“Eu não entendi essas atividades culturais”*. Uma jovem responde: *“Não sei se entendi bem, mas é acesso ao teatro, a concerto. Tem gente que não sabe o que é concerto. Show na rua tem bastante”*. Um jovem diz que *“quando tu fala em cultura tu só pensa na cultura da elite, mas tem as culturas locais que tem que ser valorizadas, tipo o grafite, o hip hop”*.

Isso nos remete para uma análise do quanto os(as) jovens não se vêem como produtores(as) culturais, mas muito mais como consumidores(as) da cultura, em geral, oportunizada pelo Estado.

As semelhanças levantadas na plenária da manhã, ao mesmo tempo em que alimentam o diálogo na parte da tarde, nos pequenos Grupos, também limitam a discussão sobre os Caminhos. As reflexões sobre os Caminhos Participativos que ajudariam a melhorar os aspectos apontados na plenária da manhã, em termos de educação, trabalho, cultura/lazer ficam um pouco truncadas, havendo uma tendência na escolha de um quarto Caminho, que, em geral, junta os três Caminhos. Nesse sentido, muito mais do que a escolha, o processo é mais rico, pois problematiza as formas de participação juvenil. Isso, tanto no pequeno Grupo, como na plenária, ajuda a construir a opinião final.

4.3.2. GD 2 – 02.04.05 – 15 a 17 anos

Os(as) componentes do GD anunciam temas que estão dissociados dos Caminhos indicados. Os problemas apontados de ordem mais estrutural (salários, estrutura da escola, falta de espaços e descentralização para eventos culturais) ficam distantes das soluções apontadas. A dimensão da ação dos(as) jovens fica no plano do viável e mais imediata (ao alcance), por isso a ênfase na combinação dos Caminhos 2 e 3 (formando um novo Caminho). Cabe ressaltar que esse Caminho representa a possibilidade de “entrada” dos(as) jovens nas discussões desses temas (para depois agirem/influenciarem no Caminho 1).

A ênfase estava em buscar algo que proporcione prazer aos(as) jovens, acreditando que com isso seja possível interferir na solução dos outros problemas. Alguns depoimentos sinalizam essa tendência:

vamos tentar um caminho que tá no nosso alcance, entendeu? O caminho 3, e não os outros, é que ele ele vai espalhar tua atividade, ele vai espalhar.. tudo tem um resultado talvez comece ali no teu ambiente, mas ele vai indo, tu vai fazer um grupo de teatro, o pessoal vai gostar, daqui a pouco tu tá em Viamão, passando pras escolas de lá assim os outros colégios vão achar, bah, legal um grupo de teatro, vou fazer também e assim a gente vai levando entendeu?

O posicionamento desse Grupo leva a uma discussão fundamental relacionado aos(as) jovens da contemporaneidade. Eles(as) expressam uma cultura juvenil, disposta a buscar soluções para os problemas vividos por eles(as), entretanto, percebe-se que essas soluções encontram-se profundamente entrelaçadas com o prazer. Como nos lembra Melucci, (2001) os(as) jovens:

() fundam-se na incompletude que lhes define para chamar a atenção da sociedade inteira para produzir a sua própria existência ao invés de submetê-la; fazem exigência de decidir por eles próprios, mas com isto mesmo reivindicam para todos este direito. (p.102)

Ainda, acompanhando o pensamento dos(as) jovens, podemos perceber que eles(as) não estão dispostos(as) a submeter-se a “racionalidade impessoal” que o autor expressa, e sim, desejam conviver com um universo de emoções no qual experimentam os limites “de eros e delírio”. A emoção, o afeto, a expressão da corporeidade são campos distintos da racionalidade, contra essa separação os(as) jovens se posicionam de tal forma que parece desejar romper essa lógica. O(a) jovem parece buscar na cultura uma maneira para que esses dois campos possam conviver. Para Melucci, “*é um apelo à recomposição da experiência humana, uma busca de voz e de linguagem de forma diferente*” (p. 102).

4.3.3. GD 3 – 09.04.05 – 18 a 24 anos

Os problemas anunciados na parte da manhã não estão diretamente associados com os Caminhos e estratégias apontadas na parte da tarde. A combinação dos três Caminhos se fez pelo reconhecimento da importância dos três Caminhos, mas diretamente anunciado que a “entrada” para isso se faz primordialmente pelo Caminho 2 (voluntariado) e depois pelo Caminho 1. O Caminho 2 está apresentado como uma estratégia de “sensibilização” para esses problemas e não necessariamente para a sua solução.

Assim tem que haver uma interação entre as partes, um lance de cumplicidade entre elas, sim. Mas o lance do voluntariado, tem que entender que a principal, quem tem o poder mesmo de agir, é o lance do governo. Eles podem amenizar o problema, mas não podem solucionar. (*jovem participante do GD 2*)

No Grupo de Diálogo 3, percebe-se que não há muita correspondência entre os problemas levantados e os Caminhos escolhidos. Levantam problemas de emprego, experiência profissional, segurança nos espaços de lazer, melhorias na educação, entre outros, mas as escolhas ficam muito voltadas para o trabalho voluntário. Há sim, a escolha de outros Caminhos para determinados problemas, mas o voluntariado fica como uma semelhança reforçada em diferentes momentos.

No tema da cultura, são levantadas muitas questões voltadas para segurança, acesso e falta de opções de atividades, mas muito no sentido de responsabilizar o poder público por todos esses problemas. De certa forma, isso é quase uma contradição com a defesa que fazem do trabalho voluntário. Por outro lado, há uma defesa, por parte de alguns(mas) jovens, do Caminho 1 como forma de ir direto ao problema, ou seja, no sentido de que o governo tem o poder.

Percebe-se, neste GD, uma tendência ao entendimento da política como um grupo que decide e faz pelo conjunto da população. O que é natural num país com pouca tradição democrática. Ao mesmo tempo, demonstram uma crença muito forte no voluntariado como uma possibilidade de participação. O desejo de participação é explícito, mas também é forte o descrédito nos partidos, sindicatos e governo.

Interessante que falam de voluntariado não no sentido de “quem tem dá para quem não tem”. Segundo os(as) jovens deste GD, voluntariado é troca, é cada um(a) fazer a sua parte, é forma de manifestação e denúncia, é começar pelas pequenas coisas para chegar nas grandes causas e impactar quem toma decisão.

4.3.4. GD 4 – 23.04.05 – 15 a 24 anos

Este GD combinou Caminhos associados ao tipo de problema (cada problema um Caminho). Quando o problema era de ordem mais “estrutural” [como salário dos(as) professores], reconheciam a necessidade do Caminho 1 (Estado).

Nas semelhanças da manhã, os(as) jovens destacaram a educação: os salários baixos dos(as) professores(as); a violência entre os(as) alunos(as) e dos(as) alunos(as) com os(as) professores(as); a falta de interesse dos(as) alunos(as) em estar na escola e estudar para os(as) professores(as); que os(as) professores(as) deveriam ganhar mais; as condições precárias das escolas.

Em termos de trabalho, foi destacado que as empresas não precisariam exigir a experiência para o primeiro emprego; que as oportunidades para o emprego estão difíceis, mas está difícil porque não há cursos profissionalizantes; que há preconceito no trabalho porque para trabalhar numa loja tem que ter aparência; que tem que haver trabalho à noite, porque quem é pai/mãe precisa trabalhar a noite.

Na cultura, foi levantado como semelhança que as pessoas se privam de sair por causa da violência; para ter segurança nos espaços de lazer, é preciso haver espaços de lazer com oficinas de dança e teatro; ampliar cursos nas associações de moradores(as) de bairro; organizar mais eventos esportivos e culturais; (proporcionar oficinas que já existam nas comunidades).

Estas foram as semelhanças da manhã para construir o trabalho da tarde. Na construção dos Caminhos, num primeiro momento, fica difícil até eles(as) entenderem o processo, pois primeiramente é realizada a leitura de cada Caminho e, em seguida, a discussão de cada um, observando a metodologia (10 min. para ler e 10 min. para dialogar), até terminar a leitura dos três Caminhos. Após a leitura dos três Caminhos, passamos para eles(as) a folha com as semelhanças da plenária da manhã. Eles(as) começam então a dialogar sobre as semelhanças e os possíveis Caminhos para resolver os problemas apontados, porém esse não é um processo fácil. No início, eles(as) têm dificuldade em entender, até que alguém percebe como é o processo e aí eles(as) vão construindo as possíveis soluções, item por item.

Os(as) jovens conseguem enxergar o que cada Caminho poderá ajudar a resolver e quando um Caminho só não dá conta, propõem a junção de dois ou mais Caminhos ou então, a formação de um outro Caminho a partir da junção de dois ou mais Caminhos.

4.3.5. GD 5 – 15 a 24 anos

Os problemas levantados pela parte da manhã encontraram encaminhamentos para sua solução através da criação de um quarto Caminho (sempre combinando cada tipo de problema com um Caminho que poderia ser a combinação de mais de um). O voluntariado predominou como “caminho de entrada” para futuras parcerias (especialmente com poder público). Essa estratégia serviu como “sensibilização” para que as pessoas possam fazer alguma coisa.

Na dinâmica da tarde, entregávamos as semelhanças digitadas para que os pequenos Grupos estudassem os Caminhos à luz do que tinha refletido pela manhã.

4.3.6. Análise do processo e conteúdo dos pequenos Grupos

A análise do processo e conteúdo dos pequenos Grupos se fez a partir da observação sobre os temas no turno da manhã e a escolha dos Caminhos no turno da tarde.

Sobre o conteúdo dos subgrupos da manhã – temas:

Em relação à **educação**, foi destacada a importância do investimento na melhoria da qualidade da educação, em termos: de melhores salários aos(as) professores(as); investimentos na formação dos(as) professores(as), pois desejam aulas mais agradáveis e com metodologias mais atrativas; maiores comprometimentos e envolvimento por parte dos(as) professores(as) e também dos(as) alunos(as); melhores salários representariam o(a) professor(a) trabalhar menos tempo e em menos escolas, e assim, se dedicar mais à preparação de suas aulas; com aulas melhor preparadas desde o Ensino Fundamental haveria mais chances de fazer um bom Ensino Médio e concorrer ao vestibular com mais igualdade de condições com os(as) que estudam em escolas particulares, despertando também um maior interesse dos(as) alunos(as) às aulas. Os(as) jovens associam com isso a falta de “criatividade por parte dos(as) professores(as)” para melhor atrair a atenção dos(as) seus(as) alunos(as). Sobre a qualidade das aulas, os(as) jovens dizem que:

Tem professor que fez formação na década de 1970. () O camarada que trabalha o dia inteiro () quer aprender de uma forma que ele vai entender () daí o professor escreve no quadro e diz: “Vocês têm dez minutos ou se ferrem” () Mas tem professores bons () Dos 30 inscritos no início do ano, 11 terminaram.

Ficou evidente o descrédito com a qualidade da escola pública, a indignação com a superlotação das salas e, especialmente pela falta de professores(as), devido às licenças e ao não preenchimento das vagas pelas mantenedoras. Nesse momento, foi destacada a necessidade de maiores investimentos por parte do poder público.

Outro aspecto da educação muito destacado foi a infra-estrutura das escolas e afirmam que *“educação é a base de tudo”*. Além disso, a associação da educação à cultura aparece num dos subgrupos e um dos(as) jovens expressa uma frase dita por sua mãe: *“mente vazia é oficina pro diabo”*, referindo-se a ociosidade dos(as) jovens, afirmando que *“não é só instrução, mas cultura e lazer também”*. Além disso, salientam que as escolas apresentam um certo descrédito na capacidade do(a) aluno(a) em realizar atividades de ordem cultural, como teatro, por exemplo.

Foram feitas outras associações com a educação, dentre elas, a articulação entre educação e trabalho, pois dizem que trabalho também é instrução. O Ensino Médio Profissionalizante é uma demanda recorrente, em todos GDs. Afirmam que uma contribuição importante da educação para o futuro profissional dos(as) jovens é a oferta de cursos de informática. Segundo um dos depoimentos:

A escola deve dar acesso à informática para quando for lidar no serviço não seja um bicho de sete cabeças. Cursos são concorridos e se eu tivesse dinheiro para pagar, fazia. Fecham a porta na tua cara e, se depender de colégio e governo, fica muito complexo. Na escola pública é muito baixa a qualidade. Computador faz brilhar o olho do aluno.

Em relação à educação, os subgrupos foram enfáticos na formulação de suas preocupações com a falta de segurança no espaço escolar e especialmente no seu “entorno”. Demandam ações governamentais através da presença de seus(as) agentes de segurança.

As falas dos(as) jovens da RMPA denunciam o estado das escolas públicas, nas quais muitos(as) deles(as) estão estudando. Em geral, elas são precárias em diversas áreas, tanto no que diz respeito à infra-estrutura como na parte pedagógica e formação de professores(as). O que os(as) jovens apontam se confirma como uma contradição, pois, para eles(as), a escola é uma instituição de referência, mas deficitária. De acordo com Candau (2000), o discurso oficial coloca na educação a responsabilidade de integrar o sujeito na sociedade globalizada, uma vez que esta exige alto grau de competência, tanto sob o aspecto *“cognitivo, científico e tecnológico como o desenvolvimento de integração grupal, iniciativa, criatividade e uma elevada*

auto estima” (p.11), E mais do que isso, as esperanças de construção de um futuro digno têm seus alicerces na educação.

Se esse discurso aparece na ordem do oficial, ele também se expressa na fala do(a) jovem em forma de denúncia da precariedade dessa escola que ainda se constitui na esperança de construir um mundo melhor. Para construir uma escola capaz de superar esse abismo, podemos começar pelo enfrentamento dessa dificuldade enquanto ela ainda é um lugar pleno de sentidos para os(as) jovens.

Argumentam que a falta de criatividade do(a) professor(a) não atrai a atenção do(a) aluno(a) e, conseqüentemente, este(a) não têm prazer em aprender: *“os professores são duros e rápidos, mas tem que usar a criatividade”*. A relação professor(a)/aluno(a) também interfere na aprendizagem, e que isso necessita melhorias. *“Pode ser na educação, a relação aluno/professor. Falo sobre o aluno que desrespeita o professor”*. Levantam as questões do poder do(a) professor(a), estando em suas mãos a possibilidade de aprovar e reprovar os(as) alunos(as), o que nem todos(as) concordam.

Tem professores que saem da faculdade com formação ruim e descarregam seus problemas nos alunos. Rodam os alunos. Nada a ver, professor não rodar aluno. Ele é que roda.

Nesse ponto, percebe-se que, embora tenham levantado como problema da educação o não comprometimento dos(as) alunos(as), o que prevaleceu foi a constatação que há uma crise na educação. Os(as) jovens conseguem perceber que a escola necessita de atenção, ou como diz Candau (2000), precisa ser *“reinventada”*. De acordo com a autora, a escola que trabalha na perspectiva de que a cidadania é *“uma prática social cotidiana”* que tem como norte ampliar o horizonte reflexivo do(a) aluno(a), articulando saberes locais e globais, fazendo com que possam conceber *“um projeto diferente de sociedade e humanidade”* (p. 15), cria as possibilidades de construir uma escola que, talvez, atenda melhor as expectativas dos(as) jovens. Desse modo, a escola seria:

() Um espaço de busca, construção, diálogo e confronto, prazer, desafio, conquista de espaço, descoberta de diferentes possibilidades de expressão e linguagem, aventura, organização cidadã, afirmação da dimensão ética e política de todo o processo educativo. (p. 15)

A segurança na escola é um elemento importante, pois até mesmo a estrutura física está sendo descaracterizada em nome da segurança. Para os(as) jovens, é necessário:

- Tem que ter segurança, mas não tanto assim, porque no colégio onde estudo tem câmeras e grades por tudo.
- Tem muitas grades na escola.
- Tem muito vandalismo nas escolas.

O que esses(as) jovens expressam parece ser um recorte da violência que ocorre na sociedade em geral: *“Não adianta ter câmeras dentro da escola se, quando sair da escola, tem gangues para pegar o cara”*. Entretanto, Candau (2000) nos alerta que existem dinâmicas que ocorrem no interior das escolas que geram violência. A autora afirma que *“o que especifica a violência é o desrespeito, a coisificação, a negação do outro, a violação dos direitos humanos”* (p. 141). Assim, quando eles(as) expressam que há falta de criatividade, pouca preocupação com a metodologia, conteúdos vazios de significados, tudo isso pode gerar sentimentos de violência contra o que deveria ser um direito de todo(a) cidadão(ã), aprender com qualidade e dignidade.

Apesar de todas as lacunas que a escola apresenta, ela se torna a grande responsável pela participação dos(as) jovens nas atividades culturais e de voluntariado. Na pesquisa de opinião, percebemos que a maior participação dos(as) jovens em atividades culturais se davam pela via escolar, bem como na segunda etapa, que alguns poucos mencionavam a igreja ou centros comunitários. Cabe salientar que, na pesquisa com Grupos de Diálogo, apenas três não estudavam, enquanto que, na pesquisa de opinião, um índice bem significativo de jovens (58,7%) declarou não estar estudando; entre os(as) que não estavam na escola, a participação em grupos culturais mostrou-se insignificante. Apenas 20,9% dos(as) jovens entrevistados(as) fazem parte de algum grupo. Dentre esses, há predominância do sexo masculino (23,5%), pouca variação de cor, mais presença da faixa etária dos 15 aos 17 anos, com aumento proporcional à escolaridade, ou seja, os(as) jovens de mais escolaridade são os(as) que mais participam em grupos, com um índice de 23,6%.

Em relação ao **trabalho**, os(as) jovens refletiram em torno do primeiro emprego, das limitações de oportunidades dadas pela exigência da “experiência” como requisito inquestionável para acessarem o mundo do trabalho. Associam essa limitação também com a falta de ferramentas, como o domínio de uma língua estrangeira e mesmo a concorrência com outros(as) jovens com maior titulação disputando uma vaga que não precisa essa “credencial”. Há também manifestações de jovens que não se intimidam com essa barreira, propondo esforço individual para superá-las.

Ao falarem sobre o que poderia melhorar no Brasil em termos de trabalho, um dos jovens afirma que *“o problema é a falta dele”*. Afirmam ainda que:

Tu acaba o Ensino Médio e tu vai querer buscar um emprego ou tu quer ir pra faculdade, ou os dois, e tá escasso.

Alertam também que a educação está intimamente ligada às oportunidades de emprego, pois *“os que só têm o Ensino Médio não conseguem, eles olham a idade, a experiência, a aparência, o local da moradia porque não querem pagar vale-transporte adicional”*.

Importante destacar que os(as) jovens ficavam atentos(as) às tarefas e, com frequência, alguém do Grupo, em geral as meninas, chama atenção para o que deve ser feito e

para o tempo, perguntando também: *“Mas o que o governo pode fazer então?”*, começando a sinalizar para os Caminhos. Uma das jovens, com experiência em grupo de jovens e filha de um cidadão com experiência partidária, afirma que *“deveriam dar um salário mínimo pra cada jovem ficar na escola”*. Essa afirmação é contestada pelos(as) demais integrantes do grupo, que dizem que *“se tu tem condições de estudar para competir com os outros, tu não precisa de salário, de bolsa pra isso, bolsa pra aquilo”*.

No que se refere à **cultura/lazer**, num primeiro momento, os(as) jovens demonstraram não terem compreendido muito bem do que se tratava. Aos poucos, nas interações do pequeno Grupo, isso foi esclarecido por eles(as) mesmos, ao dizerem o seguinte:

() quando tu fala em cultura tu só pensa na cultura da elite, mas tem as culturas locais que têm que ser valorizadas, tipo o grafite, o hip hop.

Os depoimentos anteriores fortalecem a idéia de que boa parte dos(as) jovens se coloca no lugar de consumidor(a) cultural, e não de produtor(a) de cultura.

Falam da importância do resgate da cultura das pessoas das comunidades, porque *“as pessoas falam que ou é marginal ou é bandido, mas as pessoas têm esses recursos pra se expressar, eles não têm a mesma forma de se expressar que a elite tem”*. São destacadas políticas públicas que levam a cultura aos bairros através dos centros de convivência coordenados pelo poder público, como também o reconhecimento da escola como espaço importantíssimo para estudarem cultura, programarem visitas a museus etc. Dizem que nesses locais poderiam ser oferecidas oficinas diversas na área da cultura, cursos de balé, informática, manicura etc. para as crianças, no turno contrário às aulas.

No conjunto das sugestões sobre o tema cultura, os(as) jovens destacam que essas atividades todas estariam dentro de uma perspectiva de superação preconceitos com a cultura juvenil que estaria, segundo eles(as), associados com violência, roubo, desordem e mesmo morte.

Os(as) jovens associam a presença do Estado com a oferta de lazer, sinalizando um possível caminho para a solução desse problema que afeta os(as) jovens atualmente. Dizem que há falta de patrocínio do governo ao esporte e à construção de pistas poliesportivas. Um menino negro diz que *“tinha que ter pista de skate mais próxima de casa, porque o lazer está mais voltado para a burguesia”*. Afirmam ainda que o esporte afasta os(as) jovens das drogas. Essas afirmações dos(as) jovens podem relacionar-se à oferta de alternativas de lazer com a ocupação dos seus tempos livres.

Em síntese, o maior problema apontado pelos(as) jovens em relação à cultura refere-se à falta de incentivo à cultura por parte do governo, mas, ao mesmo tempo, falam que *“a maioria do povo não pensa em ajudar, em dar uma mão, espera no outro o dinheiro para fazer e viver a cultura”*, combinando possíveis alternativas de solução pela associação dos Caminhos 1 e 2.

A pouca participação nos grupos culturais também se evidenciou na pesquisa de opinião. Apenas 20,9% dos(as) jovens entrevistados(as) faziam parte de algum grupo e a forma mais efetiva se dava via escola. O mesmo fenômeno foi observado nos Grupos de Diálogo. Alguns(mas) jovens chegaram a manifestar que não era necessário ter cultura, o que eles(as) precisavam era de emprego.

Sobre o conteúdo dos subgrupos da tarde – Caminhos:

Sobre o **Caminho 1**, no turno da tarde, o Diálogo apresentou uma tendência a resumir-lo ao papel do Estado e dos partidos políticos, demonstrando que os(as) jovens têm pouca confiabilidade em ambos e também um certo “desconhecimento” da máquina (partidária):

É importante o jovem entrar em partido político, mas como é lá? O que se faz lá?
As mudanças dependem de cada um de nós e a gente espera os políticos fazerem aquilo que a gente queria fazer, e, pra começar, a gente devia escolher melhor eles.

O problema é quem tá no alto escalão do governo.

Houve ainda uma associação de partido político com a conquista de verbas e de ONGs para a solução dos problemas da cultura. Os(as) jovens defenderam também a coletividade como o caminho certo, considerando que *“tudo é válido, mas o importante é se unir pra reivindicar”*. Mencionam a possibilidade dos grêmios estudantis serem as instâncias “formadoras” dos(as) jovens para sua iniciação no campo da participação política.

Falta a galera se unir mais, fazer mais manifestações, se unir mais para fazer alguma coisa.

A responsabilização do poder público para assumir seu papel se expressa na maioria das intervenções dos(as) jovens nos pequenos Grupos, com grande destaque para sua relação com a violência e a segurança. Associam-se a essas demandas aquelas de ordem econômica: salários, emprego, melhorar a infra-estrutura das escolas, descentralização e facilitação ao acesso à cultura.

Os comentários sobre o **Caminho 2** dão conta de uma maior familiaridade do(a) jovem com o voluntariado, com afirmações do tipo *“Esse caminho já é mais fácil, mais interessante e eu gostaria desse caminho”*. Mesmo sem ter realizado ainda a leitura do Caminho 3, mas com as memórias do conteúdo e imagens do CD-ROM, uma jovem antecipou suas escolhas e outra jovem fez uma síntese de cada Caminho:

Eu acho que tô chegando à conclusão que a gente precisa de um pouquinho de cada um dos Caminhos. Lendo o Caminho 2, eu acho que a gente tem muita coisa pra fazer. Talvez, na visão desse, seja mais fácil o voluntariado.

Também ficou evidente o olhar crítico de alguns(mas) jovens sobre o papel do voluntariado como uma alternativa que não isenta o papel do Estado na operacionalização das alternativas para a solução dos problemas que o(a) jovem enfrenta. A expressão “*se cada um fizer a sua parte*” é aceita parcialmente, mas indica também que o voluntariado pode ser uma possibilidade mais próxima do(a) jovem participar:

O voluntariado é muito interessante porque o voluntariado vai direto pra fazer o que tem que ser feito, só que ele esquecem de cobrar do que as autoridades têm que fazer.

Se o voluntariado crescer, aí é que o governo não vai fazer mais nada.

Embora não tenha sido explicitado em todos os Grupos, há um registro importante a respeito do “tempo de ser jovem” como condição para a escolha e disponibilidade para a ação através do voluntariado, especialmente naquelas ações mais de ordem pontual, como campanhas, situações de emergência social etc.

Por outro lado, algumas jovens mantêm uma visão ingênua sobre o voluntariado. Não mencionam a responsabilidade do Estado e defendem os “Amigos da Escola” para os problemas de limpeza da escola:

Ajuda, carinho é multiplicador de entusiasmo. Se um grande número de pessoas der sua ação, vai dar resultado.

Falamos de educação, então, se eu estudo Pedagogia, por que não estender uma lona, chamar umas crianças e dar aula? Cada um pode passar adiante o que teve oportunidade de aprender.

A partir do **Caminho 3**, os(as) jovens visualizam que podem chegar aos outros dois Caminhos através da cultura. Afirmam que “*O Caminho 3 tem muitas atividades que dá pra fazer, no Caminho 3 tem a questão da cultura*”. À medida em que o Diálogo vai esquentando, os(as) jovens vão percebendo como a cultura pode ser uma articuladora dos outros dois Caminhos:

Dá pra mostrar, no teatro como, no dia-a-dia, o governo age. No teatro dá pra criticar, dá pra ajudar, dá pra mostrar a realidade do que acontece, dá pra levar o lazer, dá pra educar, e não só em teatro.

Novamente a variável tempo surge na fala dos(as) jovens, agora associando as atividades de cultura e lazer como um importante momento de “ocupação” dos(as) jovens em ações e iniciativas de seu interesse e que permitem mostrar suas potencialidades e, ao mesmo tempo, servindo como uma forma de não envolvimento com drogas ou mesmo situações de risco. São também conscientes de seus limites ao afirmarem que “*não muda, mas ajuda*”. Esse território da criação, do estar juntos, da expressão da cultura, está presente em todos os GDs. Fica bem

evidenciada a possibilidade de ser um Caminho mais próximo da “escolha” do(a) jovem, e não de ser um lugar do(a) adulto(a), como eles(as) dizem, “*nenhum jovem gosta de ser manipulado*”.

Interessante observar que nos subgrupos houve a opção, em diferentes proporções, por um **quarto** Caminho para a solução dos problemas levantados na parte da manhã, unindo os três Caminhos. Essa associação se daria tendo o Caminho 1 como ponto de partida, provavelmente pela influência dos(as) jovens com militância no movimento estudantil (conselho escolar e grêmio estudantil) e também pela jovem universitária, que monopolizaram o Diálogo. Por sua vez, outro Grupo aponta a construção de um **quarto** Caminho, porém tendo o Caminho 3 como ponto de partida, provavelmente pelas influências das vivências anteriores nos grupos juvenis, relacionados com pastoral, grêmios estudantis, grupos de dança ou mesmo pela “proximidade” desse Caminho 3. Provavelmente, a cultura poderia ser uma forma do(a) jovem se organizar a partir do que ele(a) gosta de fazer, na ocupação do seu tempo livre, expressando e exercitando suas sociabilidades para, com incentivo de projetos sociais por parte do governo, também praticarem a solidariedade no voluntariado, sem esquecer de se organizarem como grupo para lutarem por seus direitos. Aqui parece que se abre uma possibilidade dos(as) jovens visualizarem alternativas de participação no Caminho 1, que não apenas através dos partidos políticos e da presença do Estado e bem como esclarecendo e aprofundando a alternativa do voluntariado.

4.4. Caminho síntese por Dia de Diálogo + problematização das conseqüências a partir das escolhas feitas (*tradeoffs*)

O momento das problematizações foi essencial para que os(as) jovens confirmassem suas escolhas e visualizassem as conseqüências de cada uma delas. O(a) facilitador(a), com as afirmativas dos(as) próprios(as) jovens, questionou as escolhas: “*Por que o voluntariado ajuda a combater em parte o problema do analfabetismo e das dificuldades dos alunos na sala de aula. Como? Como o voluntariado vai resolver o problema do analfabetismo?*”.

Nas problematizações dos Caminhos, alguns(mas) jovens argumentaram sem muita preocupação em defender posições. Outros(as) jovens demonstraram mais força na argumentação.

As reações dos(as) jovens às provocações do(a) facilitador(a) ficaram, num primeiro momento, mais voltadas às relações feitas em cada pequeno Grupo, e depois eles(as) defendiam posições mais individuais. Prevalcia o que cada jovem pensava e em função de suas experiências pessoais de participação.

No Grupo 5, os(as) jovens, explicitaram suas argumentações, trazendo a expressão “conscientização” como sendo uma exigência inicial de parte de qualquer pessoa para agir e escolher um dos três Caminhos. Procuravam exemplos e conectavam esse ato individual como uma pré-condição para qualquer ação, seja política clássica, seja voluntariado e mesmo com seus grupos.

Não houve generalizações sobre a escolha dos Caminhos, pois os(as) jovens fizeram escolhas considerando a importância do poder público, sem isentar o papel de cada um(a) como parte no processo de mudança ou de solução do problema apontado nas plenárias. Isso trouxe uma escolha híbrida dos Caminhos, associando a dimensão do problema com o Caminho Participativo escolhido. A tendência observada sobre a opção dos Caminhos pode revelar que os(as) jovens não se isentam de uma participação mais ativa na sociedade, mas que também mostram-se céticos(as) em relação a atuação do poder público. Ao mesmo tempo, o voluntariado aparece como forma de resolver problemas que estão diretamente vinculados à gestão de recursos por parte do poder público.

4.5. Comentários Finais (Tabelas 4 e 5)

Tabela 4 Quarto Instrumento de Análise

Obs. No 1º GD, os jovens não enviaram mensagens aos políticos, pois os facilitadores deram mais ênfase às descobertas e ao impacto sobre o dia de diálogo.

Comentários Finais (temas/ questões)	Grupo de Diálogo 15-18 (02/04/05)	Grupo de Diálogo 1 8-24 (09.04.05)	1º Grupo de Diálogo 15-24 (23.04.05)	2º Grupo de Diálogo 15-24 (30.04.05)	Grupo de Diálogo Experiência Participativa (19.03.05)
Mais atenção aos jovens	-	3	-	-	-
Governantes visitem as periferias	-	2	-	-	-
Mais atenção para a violência	-	1	-	2	-
Políticos pensem mais nas decisões/ mais ação (falem menos trabalhem +)	-	4	-	2	-
Valorização da fala do jovem escutar mais	4	-	-	6	-
Participação e Satisfação	2	-	-	-	-
Espaço de aprendizagem	4	-	-	-	-
Espaço de expressão	5	-	-	-	-
Esperança	1	-	-	-	-
Responsabilidade de todos, governo deve trabalhar mais (vergonha)	3	-	-	1	-
Atenção aos pobres Crianças pobres	1	-	1	2	-
É bom debater com grupos	-	4	-	7	-
É bom conhecer opiniões diferentes	-	3	-	5	-
Fazer amigos	-	6	-	-	-
Dizer coisas para os governantes	-	2	-	-	-
Segurança	-	-	-	4	-
Mais educação	-	-	1	2	-
Roubar menos			4		
Que o governo mude e tome uma solução			4		

Tabela 5 Quinto Instrumento de Análise

GD1

Comentários Finais (temas/ questões)	Grupo de Diálogo Um - 19/03/2005
A mudança começa em cada um	M: Pessoal, eu queria dizer que a mudança ela tem que começar em cada um de nós, entendeu? A mudança se ela começa em cada um de nós, se a gente dá o primeiro passo pras mudanças acontecerem e aí agente pode entre todos formar uma grande mudança, e não esperá pelos outros, começar por nós a mudança, entendeu? E procurar em nós, o que nós podemos fazê pra essas mudanças acontecerem. E obrigado pela oportunidade.
Foi gratificante ta participando	Eu gostaria de dizê que foi muito gratificante tá participando, eu participo do conselho de políticas públicas da juventude, então, a reunião aqui hoje foi até mesmo, eu tô a seis meses no conselho e nunca foi tão produtivo como foi hoje a reunião, eu dou os parabéns ao grupo todo de trabalho, agradeço a oportunidade, também parabéns a todos, gostei muito de conhecer o pessoal.
Convite para entrar no voluntariado	Eu queria agradecer a todos por comparecer todo mundo. Obrigado por tudo. E convida, né. Quem que tivé oportunidade de participar de algum grupo de dança, de qualquer coisa até mesmo ser voluntário de alguma coisa, e até mesmo convidá pessoas a ser voluntário ou entrar nesse grupo, porque é um início pra todos, Obrigado.
A gente ta tentando mudar o país	Eu só queria parabenizar vocês que estão aqui, é tipo eu, antes eu falei da agenda, a gente podia tá em casa agora jogada no sofá, fazendo nada brincando com o cachorro, sei lá, namorando. E não a gente tá aqui, sabe? A gente tá tentando mudar um pouquinho o País, acho que é uma bela de uma atitude da gente e deles também que poderiam também tá descansando, fazendo qualquer outra coisa e eles tão aqui ajudando a gente a pensar um pouquinho a trocar a nossa realidade.. Parabéns pra todo mundo.

GD 2

Comentários Finais (temas/ questões)	Grupo de Diálogo Dois - 02/04/2005
Valorização da fala do jovem	<p>“Que não caia esse sábado no esquecimento. Estou ansiosa para chegar na minha cidade e fazer alguma coisa pra tentar mudar. Não vamos esquecer isso, foram colocadas tantas idéias aqui. Que não seja só uma pesquisa, mas um programa que perceba como os jovens estão na sociedade.”</p> <p>“Foi muito legal. Nunca pensei que teríamos oportunidade de falar o que pensamos e sentimos. “O governo tem que canalizar o que falamos e colocar em prática.”“.</p> <p>“Se pensar o que foi o debate, foi para melhorara o nosso Brasil e uma possibilidade para colocar essas idéias em prática”.</p>
Participação e Satisfação	<p>“Foi legal, vou tirar uma experiência para conversar com meus amigos. Não pensei que a sociedade tivesse tantos problemas. Apostar no jovem brasileiro”.</p> <p>“Quando recebi a carta, pensei que ia ser chato, mas foi bem legal”.</p>
Espaço de aprendizagem	<p>“Quero falar uma coisa que aprendi: nunca pensei que pudesse falar das coisas, juntar as idéias em grupo pudemos ver um projeto para uma sociedade perfeita. Foi bom expressar as minhas idéias”.</p> <p>“A experiência foi maravilhosa. Foi muito bom e só teve a acrescentar”.</p> <p>“Foi uma experiência maravilhosa. Foi um sábado que não perdi, mas que ganhei”.</p> <p>“Aprendi muita coisa”.</p>
Espaço de expressão	<p>“Foi muito legal. Nunca pensei que teríamos oportunidade de falar o que pensamos e sentimos”. “O governo tem que canalizar o que falamos e colocar em prática.”.</p> <p>“Foi muito interessante, nunca tinha participado de uma reunião de jovens assim”.</p> <p>“Para mim foi ótimo, sou muito encabulada, não consigo falar no meio de tantas pessoas.”</p>
Esperança	<p>“Eu também achei interessante, porque de repente, você encontra vários jovens de realidades diferentes, idéias diferentes, mas muitas coisas em comum que podem melhorar”.</p>
Responsabilidade de todos, governo deve trabalhar mais	<p>“Foi uma experiência legal, não tinha participado de um diálogo. Que eles trabalhem, que parem de viajar”.</p> <p>“Gostei muito, foi importante. Se metade daqui sair e levar a sério, foi bem positivo. Se o governo fizer a parte dele, nós fazemos também a nossa.” “Foi legal, e queria dizer para o governo que ele acorde, pois está dormindo no ponto.”</p>
Atenção aos pobres	<p>“Dizer para o governo que eles olhem quem precisa de ajuda. Ajudam mais os ricos que os pobres”.</p>

GD 3

Comentários Finais (temas/ questões)	Grupo de Diálogo Três - 09/04/2005
Mais espaço para os grupos de jovens	“O que eu mais gostei ali foi, hoje, juntando com todo o pessoal, deu pra gente tirar novas idéias, novos conceitos de alguma coisa. Foi bastante, pra mim foi bastante importante, que nem o senhor falou no início, a gente tem uma idéia e muitas vezes têm essa idéia sozinha, mas discutindo em grupo, a gente tem outra idéia do contexto em geral”.
Mais atenção aos jovens	“A gente sentou, discuti em grupo, com o pessoal todo e pode acrescentar mais idéias e concordar ou não, pra que se possa chegar a um denominador comum”. “O que eu mais gostei foi conhecer as opiniões das pessoas”.
Governantes visitem as periferias	“O que eu mais gostei foi de conhecer o pessoal todo e participar deste trabalho, que foi muito interessante para mim, e motivou bastante para várias coisas”. “O que eu mais gostei de ter participado hoje aqui, desse diálogo foi poder dentro do grande grupo conhecer várias idéias de outras pessoas de localidades diferentes, mas como mesmo propósito de procurar uma solução pra os problemas existentes no país que são gravíssimos, em minha opinião. E o que eu diria para o presidente é que ele precisa colocar pessoas que falem menos e ajam mais, e que vão a campo e não fiquem somente sentadinhos nas cadeiras, e, porque é muito fácil falar e muito difícil de fazer, e a realidade é muito diferente do que eles conhecem. Eles não vão na vila, eles não freqüentam as casas das pessoas, eles não sabem o que as pessoas passam na fila de um SUS e eles não vivem na pele o que as pessoas... Eles estão lá em cima, é muito fácil falar. E quem sente, quem precisa do SUS, quem não tem condições é que sofre”.
Mais organização	“Para mudar alguma coisa, não adianta só falar. A coisa tem que ser mais rígida. Precisa colocar regras para garantir direitos para melhorar tudo” “Eu achei que o melhor que a gente pode aproveitar hoje foi... cada decisão, opinião que o pessoal defenda, há uma controvérsia e nós precisamos escutar as controvérsias e entendê-las. E as palavras que eu deixo pras pessoas que tomam decisão é... façam alguma coisa e organização”.
Mais atenção para a violência	“O que eu mais gostei foi as amigas que eu fiz hoje e queria que os governos prestassem atenção na violência que está sendo produzida por causa da falta de recursos financeiros”.
Políticos pensem mais nas decisões/ mais ação	“Bom, eu acho que se todo mundo colaborar, todo mundo ter boa vontade, e se houver mais projetos como esse e se não ficar só no papel, todo mundo colaborar e por em prática, e tiver um bom comandante, ou com cabeça pra comandar, acho que a coisa vai em frente com todo mundo”. “O que eu gostei hoje foi que... a gente debateu, essas pessoas são muito legais e queria dizer pro presidente que ele falasse menos e agisse mais”.
Espaço de debate	“O que eu mais gostei aqui também foi o debate, a possibilidade de debater bastante com tantas pessoas, eu acho que nunca tinha debatido com tantas pessoas”.

GD 4

Comentários Finais (temas/ questões)	Grupo de Diálogo nº 4 – 23/04/05
Roubar menos	“pra mim o Brasil é uma união e todos tem que se unir pra melhorar alguma coisa nesse país, e é roubar menos, né, porque não dá, é um absurdo o que acontece hoje”.
Que o governo mude e tome uma solução	“Sobre o nosso país e a situação que a gente vive, né. Acho que é isso. Ah, que eles tenham mudanças, né, mais mudanças. É isso”.
Educação	“o principal problema está na educação e que se os jovens forem educados corretamente o Brasil tem uma condição muito grande de crescer e se desenvolver e vai diminuir pobreza e todo resto”.
Pensar mais nos pobres	“pensar um pouco mais no pobre, porque afinal de contas quem bota eles lá em cima é nós, porque ninguém consegue viver a situação que o pobre ta vivendo hoje em dia, porque o pobre trabalha de dia para comer de noite”.
Dar mais valor para o jovem	“dar mais valor para o jovem porque nós somos o futuro, né, e é através de nós que vamos melhorar este país”.
Investir mais o dinheiro do povo	“investir mais o nosso dinheiro, o dinheiro do povo, não roubar, é isso”
Dignidade para os brasileiros	“pra parar de roubar um pouco e dar um pouco mais de dignidade pros brasileiros”.

GD 5

Comentários Finais (Temas/Questões)	Grupo de diálogo cinco 30/04/05
Melhorar a prática dos políticos profissionais/ indignação	<p>“Ah, que eu acho que tem que melhorar algumas coisas”.</p> <p>“e a mensagem que eu gostaria de deixar é que tá uma vergonha, só isso”.</p> <p>“E o recado que eu queria mandar pros políticos é que eles... falem menos e façam mais”.</p>
Políticos ouvir mais os jovens	<p>“eu daria pros políticos é pensar mais, lógico, em todo mundo, mas como a gente está fazendo um debate sobre os jovens, pensar em dar mais oportunidades para os jovens, porque a gente está precisando bastante”</p>
Segurança (associada também com educação)	<p>“Pra botar mais segurança nas ruas, o recado”.</p> <p>“e melhorar mais a segurança”</p> <p>“é melhorar a violência que tá demais, e educação, que nem eu vou ter coragem de ...”.</p>
Ouvir mais os jovens (como aqui)	<p>“A mensagem que eu queria deixar pra quem governa esse país, é que eles fizessem mais diálogos como esses, mas que eles tivessem presentes para ver o que a gente tá falando e não só, vocês mostrando, que é um trabalho bom. Eu queria que eles tivessem aqui para ver e dissessem para nós porque é que eles não fazem, porque que tem... eles darem a opinião deles e disserem porque é que não conseguem fazer, e nós ajudando eles a construir melhor, porque não adianta só nós aqui, estar aqui, é isso”.</p> <p>“é deixar o jovem se expressarem mais na política, deles ouvirem mais as opiniões dos jovens”.</p> <p>“E a mensagem que eu gostaria de mandar pros políticos é que nós estamos crescendo, e que nós vamos mudar o país. Eles que se cuidem com a gente”.</p>
Pobreza – crianças	<p>“é que as pessoas que toma decisão no país olhar bem mais pras crianças pobres”.</p>
Violência (rua e casa)	<p>“pensarem mais na violência e tentar diminuir isso, assim nas ruas, até dentro de casa”.</p>
Educação – (separada)	<p>“olharem mais para a educação que é a base de tudo, na infância até, eu acho, e... Acho que seria isso aí, mas a educação mesmo e a segurança nas escolas”.</p>

Observando os comentários dos(as) jovens nas tabelas 4 e 5 sobre o Dia de Diálogo, destacamos a escuta, a possibilidade de expressar idéias e dialogar com pessoas de diferentes opiniões e fazer amigos(as) como sendo as questões mais significativas para os(as) jovens que participaram desta atividade. Esses temas remetem para o reconhecimento, tão necessário, aos(às) jovens, de alguém que tem o que dizer e valoriza o direito de ser escutado.

A amizade como possibilidade de ampliação das redes de relações é fortemente apontada como uma dimensão fundamental que constitui as identidades juvenis. Ou seja, o

grupo como um espaço de conhecimento de si e de interação com os(as) outros(as), pois é na relação que fazemos e nos fazemos.

Os comentários dos(as) jovens mostram a importância que deram para a participação no Dia de Diálogo, apontando para as reflexões construídas, as trocas e os contatos feitos. Elogiaram a iniciativa de uma pesquisa que busca escutar os(as) jovens, a partir de suas experiências de vida, com encaminhamentos para definição de políticas públicas, ou seja, é um ouvir que busca interferir. Um jovem diz que *“no colégio tinha medo de dar opinião por estar errado, mas aqui não teve isso”*.

5. Fichas pré e pós-Diálogo – Tabela 6

Temas/questions que aparecem como condição	Grupo de Diálogo 15-18 (02/04/05)	Grupo de Diálogo 18-24 (09.04.05)	1º Grupo de Diálogo 15-24 (23.04.05) 2º Grupo de Diálogo 15-24 (30.04.05)	Grupo de Diálogo Experiência Participativa (19.03.05)
Melhorar Partidos	3			
Reconhecer importância/poder dos Jovens/ Participação Política dos Jovens	8	1	13	1+2
Todos unidos/ altruísmo	1	1		
Participação Consciente		6		
Luta por Direitos dos Jovens de forma Pacífica			6	1
Responsabilidade dos Governos			7	
Não Opinou			2	
Ajudar o país		1	1	
Ações do Governo	3	6	13	1
Compartilhar serviços	2	4		
Responsabilidade de todos	2	1		
Não utilizar como autopromoção	1			1
Reconhecimento e Incentivo			6	
Que o Jovem se comprometa			3	
Que o país melhore			3	
Essa ajuda é superficial		2	2	
Ajuda aos pobres			2	
Um caminho não é suficiente				2
Indiferentes (tanto faz)	3		5	
Diversos/dispersivo (!)			3	1
Usar outros caminhos				

5.1. Parte quantitativa: cruzamento do perfil com a numeração apontada

Uma das etapas da metodologia do Grupo de Diálogo consistia no preenchimento de fichas denominadas Pré-Diálogo e Pós-Diálogo. Estas eram distribuídas entre os(as) jovens participantes em cada encontro sem que houvesse a identificação dos(as) seus(as) respondentes, a não ser a numeração que era a mesma para as duas fichas. Essas fichas continham questões sobre os três Caminhos Participativos e, abaixo das mesmas, tinha uma escala de “um a sete” na qual os(as) jovens deveriam marcar um círculo indicando sua escolha entre essas alternativas. No momento da entrega das fichas, era salientado para os(as) jovens que nenhuma posição teria caráter de julgamento. Mais importante seria a possibilidade do(a) jovem expressar a sua opinião.

Analisamos o conjunto das respostas apresentadas, sob a forma de uma tabela em Excell, e optamos por a seguinte estratégia de leitura, para cada categoria:

- 1º) comparamos as médias gerais entre as fichas Pré e Pós, de todos(as) os(as) jovens, de cada variável (sexo, trabalho, escolaridade e idade) e de todos os GDs;
- 2º) procuramos ver os contrastes mais significativos (*) entre cada GD e cada uma das variáveis;
- 3º) buscamos, na “internalidade” de cada variável e de cada GD, a possível origem de alguns contrastes de maior porte .

Após isso, num segundo momento procuramos as mesmas regularidades dentro de cada Caminho como se fosse uma nova leitura dos mesmos dados mas a partir de outra entrada.

5.2. Caminho participativo 1 – Sob a condição de que:

Temas/questions que aparecem como condição	Grupo de Diálogo 15-18 (02/04/05)	Grupo de Diálogo 18-24 (09.04.05)	1º Grupo de Diálogo 15-24 (23.04.05) 2º Grupo de Diálogo 15-24 (30.04.05)	Grupo de Diálogo Experiência Participativa (19.03.05)
Melhorar partidos	3			
Reconhecer importância/poder dos(as) jovens/Participação política dos(as) jovens	8	1	13	1+2
Todos(as) unidos/Altruísmo	1	1		
Participação consciente		6		
Luta por direitos dos(as) jovens de forma pacífica			6	1
Responsabilidade dos governos			7	
Não opinou			2	
Ajudar o país		1	1	

5.3. Caminho participativo 2 – Sob a condição de que:

Temas/questions que aparecem como condição	Grupo de Diálogo 15-18 (02/04/05)	Grupo de Diálogo 18-24 (09.04.05)	1º Grupo de Diálogo 15-24 (23.04.05) 2º Grupo de Diálogo 15-24 (30.04.05)	Grupo de Diálogo Experiência Participativa (19.03.05)
Ações do governo	3	6	13	1
Compartilhar serviços	2	4		
Responsabilidade de todos(as)	2	1		
Não utilizar como autopromoção	1			1
Reconhecimento e incentivo			6	
Que o(a) jovem se comprometa			3	
Que o país melhore			3	
Essa ajuda é superficial		2	2	
Ajudar aos(às) pobres			2	
Um Caminho não é suficiente				2

5.4. Caminho participativo 3 – Sob a condição de que:

Temas/questions que aparecem como condição	Grupo de Diálogo 15-18 (02/04/05)	Grupo de Diálogo 18-24 (09.04.05)	1º Grupo de Diálogo 15-24 (23.04.05) 2º Grupo de Diálogo 15-24 (30.04.05)	Grupo de Diálogo Experiência Participativa (19.03.05)
Ações do governo	3	6	13	1
Compartilhar serviços	2	4		
Responsabilidade de todos(as)	2	1		
Não utilizar como autopromoção	1			1
Reconhecimento e incentivo			6	
Que o(a) jovem se comprometa			3	
Que o país melhore			3	
Essa ajuda é superficial		2	2	
Ajuda aos(às) pobres			2	
Um Caminho não é suficiente				2

6 – Análise das questões relativas à participação: tendências, interdições, potencialidades

Fazendo uma análise sobre as tendências, interdições e potencialidades de participação dos(as) jovens da Região Metropolitana de Porto Alegre, podemos afirmar, em linhas gerais, que independente do perfil do Grupo de Diálogo, o que mais **mobiliza** os(as) jovens para a participação é o voluntariado; o que teria o maior grau de rejeição ou **interdição** são os partidos políticos e a atitude dos(as) políticos(as); e, por sua vez, a cultura e o lazer, seriam **potencialidades** que estariam latentes para serem desenvolvidas.

Essa tendência para a participação através do trabalho voluntário iniciando, aparentemente, como uma atitude individual que vai, segundo os(as) jovens, se ampliando e se conectando com diversas instâncias em rede, podendo, através dessas ações, impactar o poder público.

Em relação à cultura, percebe-se um apelo para o acesso no sentido de usufruir, mais como consumidores(as) do que produtores(as). As falas seguem mais na direção de oferta de atividades culturais por parte do poder público, descentralização, diversificação e segurança nos espaços de cultura e lazer.

Apresentam o Caminho 1 como importante para resolver problemas da alçada do poder público, tais como, violência, segurança, salários, emprego, entre outros. Por outro lado, destacam o Caminho 2 como possibilidade de fazer algo frente ao descaso do governo e o Caminho 3 na perspectiva de consumidores(as) de cultura.

Percebe-se ainda que os(as) jovens que têm experiência prévia em participação são mais comunicativos(as), defendem mais suas posições, monopolizam mais a palavra.

Os dados quantitativos da primeira etapa dessa pesquisa trouxeram algumas questões de fundo que podem e devem ser analisadas e cruzadas com os dados levantados na fase qualitativa, os quais são apresentados a seguir:

As subjetividades e a vulnerabilidade social, de caráter individual, presente nas condições de desemprego, baixa escolaridade e cor, referidas como categorias analíticas do relatório quantitativo da RMPA, podem ser alimentadas pela combinação dos elementos que surgiram na fase qualitativa. Podemos citar, então, que a participação é afetada na direta proporção da associação entre desemprego e luta/demanda por direito ao trabalho, mediante algumas condições: obter emprego por meio da escolarização, em especial o Ensino Técnico Profissionalizante, nível médio; facilitar obtenção do primeiro emprego pela diminuição da exigência da prévia experiência (algo que sempre interdita a obtenção do emprego quase mais importante que a escolarização/profissionalização); melhorar a remuneração dos(as) jovens em seus primeiros empregos para facilitar acesso à cultura (eventos) e deslocamentos entre casa, escola e trabalho.

A participação de jovens privilegiando o mais próximo, mais palpável, mais visível em detrimento ao modelo clássico da representatividade política junto aos partidos, sindicatos e movimentos sociais, ajuda a compreender, ao menos em parte, a dificuldade na demonstração do conhecimento dos(as) jovens sobre as diversas siglas Greenpeace, Alca e mesmo o ECA, distantes de seu entorno imediato (conforme análise dos dados do relatório quantitativo). Isso remete para as tendências de identificar o Caminho 1, preferentemente, como sendo GOVERNO e ainda mais, governo federal. O município e o estado surgem depois como instâncias diluídas entre os dois pólos: micro/próximo e macro/distante. Os(as) jovens reconhecem a importância e existência das ONGs indicadas pelas ações que realizam, mas não as identificam como possibilidade de busca e “querer filiar-se”. Sem nomear a instância de poder (federal, estadual ou municipal), os(as) jovens adotam uma postura mais de cobrança do governo para questões de violência, insegurança, salários. Foram feitas poucas menções ao movimento estudantil.

Os interesses agregadores dos(as) jovens em torno da cultura, lazer, esporte, aparecem em primeiro lugar, em detrimento de outros como, movimento estudantil, partidos políticos e, em último, as tarefas mais concretas no campo escolar e movimento ecológico. Causa surpresa que, na fase qualitativa da pesquisa, o Caminho 3, vinculado à cultura e ao lazer, ficou subsumido como alternativa de participação, pelo menos num primeiro momento. As vinculações com o campo religioso ficaram associadas com o voluntariado (Caminho 2), tanto por ações pontuais na saúde e educação como nos próprios eventos culturais patrocinados pelas igrejas. Os eventos culturais foram associados fortemente com o direito ao acesso, à falta de espaços (qualidade, quantidade e distribuição regional na RMPA), à segurança. Mais cobranças das autoridades e alguma iniciativa em querer fazer algo através da cultura. Em relação à cultura, o interesse ficou muito próximo pelo evento em si e pela fruição, como direito mais do que agenciamento para alguma atividade solidária, participativa.

O relatório quantitativo revela uma tendência em diminuir a participação juvenil com o aumento da idade, casamento, filhos(as), exceção dada pela escolaridade que aumenta conforme o nível de ensino. Por sua vez, nos dados qualitativos, os(as) jovens casados(as), com mais ênfase do sexo feminino sobre o masculino, agiram com maior naturalidade a respeito da participação. O aumento da idade e a participação quando associado com experiência participativa prévia, ou seja, nosso GD1, demonstrou que os(as) mais velhos(as), próximos aos 24 anos, têm participação mais direta com os direitos de sua condição, especialmente de estudantes universitários(as), com demandas de conteúdos significativos para suas aulas.

A experiência prévia de participação é um elemento que indica uma provável superação das representações do senso comum sobre política, tendo em vista as frases presentes nos questionários a respeito dos(as) políticos(as) e a representação política, na primeira fase da pesquisa. Na fase qualitativa, os(as) jovens com experiência participativa,

demonstram, independente da idade, maior intimidade com as alternativas de participação, tanto com o enunciado dos problemas como na associação com os Caminhos Participativos.

Em relação à *escolaridade*, podemos dizer que os(as) jovens universitários(as), preponderantemente meninas, classe A/B, moradoras de Porto Alegre, expressaram suas falas mais ligadas com temas do Ensino Superior, na proposição de mudanças nos conteúdos oferecidos (mais “humanas” no currículo). Houve pouca menção ao projeto de reforma universitária.

A proposta de se estabelecer um *clima dialógico entre os(as) jovens que se conheceram naquele momento*, naquele espaço, naquele tempo também foi inovadora para os(as) componentes da equipe de pesquisa. Na procura da consistência com os princípios que sustentavam a orientação teórica e metodológica da pesquisa, a partir do Diálogo, foi um exercício de diálogo também para os(as) adultos(as) tentarem desenvolver essa habilidade frente aos(as) jovens. Foi necessária uma permanente vigilância com os hábitos de professores(as), daqueles(as) que “procuram tudo explicar”, com certa ansiedade em acelerar encaminhamentos, dúvidas e perguntas formuladas pelos(as) jovens durante as diversas situações durante os encontros nos sábados. Especialmente isso foi importante nas plenárias em torno das falas sobre semelhanças e diferenças e nas problematizações sobre as escolhas feitas entre os diversos Caminhos propostos para a ação dos(as) jovens. Se diálogo pressupõe escuta, escuta demanda tempo e não se reduz a um dia, a uma estratégia de grupo, então é preciso cautelas a respeito dos resultados dessa abordagem metodológica e respeito aos processos possíveis que foram desencadeados junto aos(as) jovens como um todo e a cada um(a) deles(as), individualmente.

7 – Conclusão

Nossas conclusões iniciam por uma reflexão inspirada nas análises de um dos(as) pesquisadores(as) da juventude mais reconhecidos(as) internacionalmente. José Machado Pais propõe que a categoria juventude seja compreendida a partir de sua contextualização histórico-cultural. Hoje, podemos dizer que os(as) jovens são filhos(as) da mudança, de uma ordem social marcada pelos desgastes dos discursos dominantes, ou, como diz José Machado Pais (2001), assistimos um processo de desinstitucionalização da vida social, não porque estejam em vias de extinção, mas por serem vias de mudança. Ou seja, a crise das instituições pode ou não ser de decadência, mas de re-institucionalização permanente.

Essa complexidade da realidade torna necessários novos rumos para os estudos sobre juventude. Hoje, um pouco mais libertas da razão instrumental, as pesquisas nas ciências sociais e humanas, buscam ouvir mais intensamente os(as) jovens, considerados(as) atores sociais. Porém, é necessário ampliar e institucionalizar canais de interlocução entre os(as) jovens na discussão e formulação de políticas públicas.

A participação dos(as) jovens tem ocupado o debate público que ganha força no Brasil, principalmente como possibilidade de avanço da democracia social e política. Muito embora não haja nenhum fórum público que possa constituir-se num canalizador das demandas juvenis.

Helena Abramo considera que a preocupação com a participação dos(as) jovens:

() é marcada por certa ambigüidade: por um lado, existe uma percepção da importância da participação juvenil para o desenvolvimento democrático, que vem acompanhada de uma expectativa de seu incremento; por outro, impera uma certa visão negativa a respeito da participação existente e uma dificuldade de concretizar canais efetivos para a sua realização. Essa ambigüidade é acompanhada por uma dificuldade de estabelecimento de relações entre os atores e instituições sociais que dominam a cena pública (governamentais e não governamentais) e os atores coletivos juvenis (grupos, organizações, movimentos e "movidas" de jovens), ainda pouco visíveis e compreendidos como interlocutores válidos para lidar com as questões concernentes a eles.

A pesquisa *Juventude Brasileira e Democracia no Brasil: participação, esferas e políticas públicas* busca compreender a complexidade do cenário nacional, acompanhando o debate em torno do tema das políticas públicas de juventude no Brasil e também a noção de como a "participação" se processa em suas diversas formas, ações e reflexões. Esse debate suscita a necessidade de que os(as) jovens sejam sujeitos

ativos nesse processo ainda inicial de definição de políticas nacionais dirigidas aos setores juvenis da população brasileira. É fundamental, portanto, empreender um esforço de compreensão das motivações e percepções dos(as) jovens sobre a participação.

Na Região Metropolitana de Porto Alegre, a pesquisa, em sua etapa qualitativa, apontou algumas tendências participativas, que poderíamos agrupar em **quatro idéias**:

- 1) não há crédito especial a nenhum Caminho isoladamente, mas uma escolha pelos três Caminhos a partir do tipo de problema, através de uma combinação diversa entre eles;
- 2) descrédito na política, mas não no governo, apontando o que é de responsabilidade do Estado e o que os(as) jovens precisam fazer, ou seja, reconhecem sua parte na construção do Brasil que queremos;
- 3) crença no voluntariado que não se resume, somente, ao entendimento do senso comum. É possível observar que o voluntariado assume, para esses(as) jovens, sentidos diversos como aprender com a “troca”; ter um reconhecimento/visibilidade; ajudar de forma concreta. E por último,
- 4) tendência forte, centrada no acesso à cultura mais como consumidores(as) do que produtores(as).

Refletindo sobre essas quatro idéias, é possível concluir que: a vivência de Grupos de Diálogo e a análise das falas evidenciaram que o movimento argumentativo dos(as) jovens é pendular. Denunciam, culpam, apontam, responsabilizam, mas reconhecem sua parcela de responsabilidade na solução dos problemas. Essa é uma atitude interessante que rompe com representações dos(as) jovens como alienados(as) e desinteressados(as). Os estudos sobre juventude têm mostrado que os(as) jovens querem ser ouvidos(as) e têm o quê dizer, usando linguagens diversas.

As críticas que fazem aos(as) políticos(as) e um certo “esquecimento” da participação via sindicato e partido podem estar associadas às reflexões de Mische (1997), quando comenta que os(as) jovens viveram as crises e escândalos dos governos civis, sofreram a ansiedade da inflação e recessão econômica que sufocou muitas de suas aspirações. Tudo isso contribuiu para um ceticismo em relação à participação política. As redes interativas dos(as) jovens se diversificaram a partir dos anos 90, com grande dispersão das identidades e projetos.

Hoje é preciso indagar sobre a existência de novas maneiras de articular projetos pessoais e coletivos, talvez sem grande escala utópica das décadas passadas. A emergência de várias formas contestadoras de expressão cultural, as manifestações pontuais dos(as) jovens e, recentemente, a atuação dos(as) jovens em organizações não-governamentais apontam para novas possibilidades de participação. A afirmação, por exemplo, da cultura afro-brasileira nos coletivos juvenis traz uma

importante contribuição para a educação, reconhecendo que a democracia se constrói com a cidadania para todos.

É preciso, porém, romper com a idéia de que, nos anos 60 e 70, as mobilizações juvenis eram mais políticas, e nos anos 80 e 90 eram mais culturais. A cultura como modo de ser e estar no mundo envolve participação política. Hoje há formas de participação social mais visíveis e outras diferentes das que eram registradas nas décadas anteriores.

Neste aspecto, a pesquisa apontou um rumo diferente entre os(as) jovens entrevistados(as), pois o Caminho da cultura ficou “na sombra”, ou seja, uma ausência do Caminho 3 como estratégia de mobilização e participação. Porém, nas falas dos(as) jovens e nas sínteses das semelhanças, a cultura aparece como possibilidade para viabilizar determinadas situações que apontem as responsabilidades do governo. Na discussão sobre o “acesso” aos bens culturais, os(as) jovens da RMPA realizaram uma dupla entrada em torno da “cultura”: de um lado como bem (na forma de show, evento, espetáculo etc.) a ser usufruído e, de outro, a clara indicação que cabe ao Estado ser o provedor da segurança, zelar pela não violência, pelos preços acessíveis e pela descentralização dos eventos. Em alguns pequenos Grupos observou-se que a possibilidade de acesso aos bens culturais se efetiva através da escola.

A escolha de um único Caminho se mostra insuficiente. Os(as) jovens escolhem aproximações entre os Caminhos Participativos e são os temas que interferem na escolha do Caminho e, num segundo momento, a conexão com os demais Caminhos. Há uma forte tendência do voluntariado como Caminho Participativo, talvez na perspectiva de “ver” o que é possível e próximo. O próximo está associado com o imediato, ou seja, não esperar só por iniciativas governamentais. Pode se dizer que há um desejo de participação, sempre latente, independente do “como participar”. Conforme a conjuntura, esse desejo de participação se direciona para questões mais pontuais e de busca de sentido da ação juvenil. Um pouco do que Melucci (2001, p. 98) aponta, que a *“agregação não é possível se não existe uma certa coincidência entre os objetivos coletivos e as necessidades afetivas, comunicativas e de solidariedade dos membros”*.

Leslie Serna (1997) traz uma reflexão sobre a participação juvenil no contexto do não emprego, da indústria cultural e da inserção dos(as) jovens no narcotráfico, apontando para um novo paradigma da participação juvenil, pautado por quatro elementos: a novidade das causas de mobilização, a priorização da ação imediata, a importância do indivíduo na organização do movimento (o indivíduo é o centro das práticas e o grupo de pares não é mais um fim em si mesmo) e a ênfase na horizontalidade dos processos de coordenação.

Nas palavras de Serna (1997, p. 49), *“la participación juvenil se expresa hoy día en pequeños colectivos y grupos y, muy claramente, en acciones diversas en las que se participa de manera individual”*. Os(as) jovens não querem perder sua individualidade na massa e estabelecem formas de participação social pouco ou nada relacionadas com a via tradicional, o

que lhes permite uma grande flexibilidade de atuação em campanhas específicas, em redes de informação e em ações concretas. De acordo com a pesquisa de opinião realizada na RMPA, a participação dos(as) jovens se expressou através de “três campos distintos”: a) esportiva, música e religiosa; b) estudantil, comunicação, partidos políticos e melhoria das condições no bairro, e c) meio ambiente, trabalhos voluntários e trabalhos de escola. Isso coincidiu com a escolha/criação de um quarto Caminho, que apresenta diferentes combinações entre os três Caminhos Participativos.

As falas dos(as) jovens sobre voluntariado apontam para um entendimento desse tema como troca, como forma de começar por pequenas coisas, tornar-se grande e ser ouvido(a), como responsabilidade no sentido de cada um(a) fazer a sua parte e como forma de manifestação e denúncia. Obviamente, as manifestações dos(as) jovens em defesa de tais idéias, em muitas ocasiões, foram polêmicas, gerando pontos de concordância e discordância. Mas é possível dizer que foi sempre muito forte a defesa do voluntariado, a partir desses enfoques.

Sobre a ação voluntária, Melucci anuncia que:

O emergir de formas de ação voluntária nas sociedades complexas, sobretudo no campo da saúde e da assistência, verificou-se num clima de crise crescente dos modelos de *welfare*, quando já o seu declínio era visível nas sociedades que antes os tinham introduzido. () O fenômeno contém, no seu interior, realidades heterogêneas dificilmente unificáveis sob uma única categoria. É necessário, portanto, reconhecer que nos movemos no terreno da ação coletiva, não no terreno do Estado ou do mercado, nem mesmo da solidariedade privada, ou da troca interindividual, ainda que todas essas dimensões entrem para definir os limites do campo empírico. (2001, p. 116)

Com Melucci (2001), podemos ampliar a reflexão considerando que os(as) jovens são uma espécie de paradigma dos problemas mais cruciais da sociedade atual, definido na tensão entre expansão das oportunidades e a efetiva capacidade de ação. Há um crescimento dos estímulos e oportunidades para a ação individual, pois hoje podemos nos dirigir ao mundo inteiro em uma interação planetária. Nesse contexto, a experiência é cada vez menos um dado e cada vez mais uma realidade construída mediante as representações e relações. Cada um(a) é chamado(a) a escolher, fazendo com que a incerteza faça parte da ação.

Diante da ampliação das possibilidades, o que fazer? O que escolher? O imperativo da incerteza impõe a necessidade da escolha. Melucci chama de paradoxo da escolha: de um lado, a ampliação do espaço de autonomia individual que expressa na escolha. Mas, de outro, a impossibilidade de não escolher. Isso não significa dizer que “todos(as) escolhem tudo sempre”. A ampliação de possibilidades acontece num contexto perverso, pois os(as) jovens pobres, além de privados(as) da materialidade do trabalho defrontam-se com a desigualdade no acesso aos recursos para sua auto-realização, desprovidos(as) do direito à juventude.

Hoje, os estudos sobre juventude buscam romper tanto com a visão de classe média estudantil como a tendência em tratar o segmento juvenil como problema social, ou seja, jovens em situação de risco. O desafio agora é pensá-los(as) como sujeitos de direito, examinando os elementos da condição juvenil contemporânea e quais direitos dela emergem.

Acompanhando a dinâmica do Diálogo, consideramos importante trazer os elementos que se destacaram nos momentos a seguir.

Analisando a opinião inicial e final dos Grupos de Diálogo, é possível dizer que:

- Os problemas que mais preocupam os(as) jovens são violência, desemprego, saúde, miséria, qualificação e preconceito. Anunciam, assim, questões da materialidade da vida como fundamentais para, num segundo momento, pensar em outras dimensões da existência humana. Vale destacar neste item a relação entre os itens que os(as) jovens trouxeram como “problema” e os “focos” propostos pela metodologia. Ao menos entre os(as) jovens que tiveram prévia experiência em participação os temas como trabalho e educação foram destacados independentemente da apropriação que os(as) jovens fariam mais tarde sob a forma de tabelas, textos e discussões.

- Em relação ao preconceito, percebe-se que falam a partir de situações que vivenciam. Isso fica evidente nos recortes de gênero, etnia e classe quando analisamos quem fala o quê sobre preconceito.

- Se, inicialmente denunciam ausências relacionadas à sobrevivência material, na mensagem final pedem mais atenção aos(as) jovens, numa evidente cobrança pela escuta e pelo direito de expressão. Novamente aparece a denúncia de uma sociedade marcada pelo autoritarismo, cuja constituição deu-se de cima. Ou seja, Estado é que constitui a sociedade civil, e não o contrário. A democracia tem pouca história no Brasil e, portanto, não é possível falar em participação sem a dimensão da escuta e do compartilhamento de decisões. Talvez aqui, tomando o contraste entre o que os(as) jovens “denunciam” [sobre o Estado, os(as) políticos(as), as instituições “dos(as) adultos(as)” e sua inserção/intervenção], se poderia aprofundar o que Melucci (2001, p. 100) nos fala sobre a “condição” de ser jovem e a ação coletiva dos(as) mesmos(as).

- Do mesmo modo, na mensagem final, cobram atitudes e ações dos(as) políticos(as), mostrando um ceticismo em relação à política partidária. Pensando em outros momentos do Diálogo, ao mesmo tempo em que acreditam no governo para resolver determinados problemas, são extremamente críticos(as) em relação aos(as) políticos(as) e às pessoas que lideram o governo. Talvez, apressadamente, é possível dizer que continuam acreditando na instituição governo, mas desconfiam dos(as) gestores(as). A maior cobrança por políticas de emprego, embora presente na maioria dos Grupos, se destaca entre os(as) mais novos(as), entre 15 e 17 anos. A ênfase na exigência que o governo cumpra com seu papel em relação à violência ficou entre os(as) jovens com

alguma experiência em participação. Também foram estes(as) que melhor detalharam suas demandas sobre a escola, na formulações sobre currículo e estrutura material da escola.

Nas fichas Pré e Pós-Diálogo, observa-se que:

- Em relação à variável sexo, predomina a tendência em baixar a opinião Pós-Diálogo. Isso se verifica em todos os três Caminhos de parte dos jovens do sexo masculino, e as meninas revelam algo semelhante, mas com uma exceção: sua opinião se altera para “mais” na escolha do Caminho 3. Esse único contraste entre os Grupos pode revelar que as jovens teriam no Caminho da cultura e do lazer o *locus* para sua ação política. É imprescindível que atentemos para um dos possíveis “efeitos” do Grupo de Diálogo: enquanto os temas clássicos como trabalho e educação surgem mais explicitamente no início das manifestações dos(as) jovens, ao longo do Dia de Diálogo a cultura, como tema e Caminho, vai se tornando mais visível e como possibilidade de Caminho de intervenção.

- A condição de estar ou não trabalhando sinaliza que todos(as) os(as) jovens que estão trabalhando diminuem sua opinião final em relação aos três Caminhos e somente o Caminho 3 teve alteração para mais entre os(as) jovens que não trabalham.

- O Caminho da cultura e do lazer tenderia a “acolher” a participação daqueles(as) jovens que não trabalham mais do que os outros Caminhos e dos(as) demais jovens que trabalham. Talvez esteja aqui um indicador do Caminho 3 representar “menos” parte do mundo adulto e do mundo institucional (1 = Estado, sindicato, ONGs e o 2 = voluntariado). Os(as) jovens que não trabalham tenderiam, então, a “cobrar” desse mundo instituído e dispor seu tempo e escolhas mais ao mundo da cultura e do lazer.

- Ao serem comparadas as opiniões finais sobre os três Caminhos, considerando as diversas idades, se verifica uma tendência geral (pela média) em diminuir as opiniões finais em relação às iniciais. Isso ficou mais evidente nos Caminhos 1 e 2. O voluntariado, Caminho 2, foi a exceção (para mais) entre os(as) jovens da faixa etária mais nova (15-17 anos). Não houve mudanças entre os(as) jovens que tiveram experiência prévia em participação, com relação ao Caminho 3. Cabe ressaltar que houve um aumento no Caminho 3 (cultura e lazer) entre dois segmentos de jovens com menos idade, (15-17 e 15-24 anos). Neste grupo, se verifica a importância da inserção em projetos e ações participativas, prévias ao Dia de Diálogo, como instância balizadora no processo de “formação” dos(as) jovens e que os(as) predispõem a possuírem conhecimentos dos problemas e dos Caminhos de participação propostos nessa metodologia.

- A associação que se pode fazer é que os Caminhos do voluntariado e da cultura e lazer recebem opiniões mais positivas após o Dia de Diálogo entre os(as) jovens da faixa etária dos 15 aos 17 anos.

- E com relação a variável escolaridade e os três Caminhos, se pode detectar as seguintes aproximações feitas a partir da mudança que os(as) jovens fizeram ao final do

encontro na direção do "mais" (mais próximo do sete na escala do tipo Lickert): Caminho 1 com jovens de escolaridade no Ensino Superior; Caminho 2 com jovens de escolaridade no Ensino Médio e Caminho 3 com jovens sem escolaridade e mudanças para menos (em percentuais menores) entre os do Ensino Médio e Superior. Assim, as instituições clássicas da ação política ficam mais reforçadas entre os(as) universitários(as); o voluntariado entre os(as) jovens com Ensino Médio e as ações no campo cultural estão os(as) jovens sem escolarização, embora o número pequeno de representantes dessa condição, ficando assim mais como tendência do que uma característica exclusiva.

Na explicitação das “condições” para a escolha dos Caminhos, observa-se que:

A **condição** para a escolha do Caminho 1 está associada diretamente ao reconhecimento da importância política dos(as) jovens para as instituições (governo, partidos etc.). Associado a esse reconhecimento, surge a cobrança da parte dos(as) jovens para que essas mesmas instituições, principalmente o governo, cumpram o seu papel. Os(as) jovens desejam ser reconhecidos(as) como atores políticos, mas, ao mesmo tempo, sinalizam que essa forma de “cobrança” está associada com as suas ações, por meio de variadas formas de organização juvenil, contemplando a individualidade, a organização grupal, tendo, assim, a possibilidade de contribuir na melhoria do país.

Na manifestação das **condições** para o Caminho 1, os(as) jovens com experiência participativa anterior expressaram de maneira mais elaborada a relação entre “a cobrança do governo e as formas de participação juvenil”, e esses(as) jovens foram os(as) que menos mudaram de opinião, coincidindo com os(as) jovens de escolarização mais elevada.

A **condição** para a escolha do Caminho 2 também revela que os(as) jovens podem assumir ações “voluntárias” contanto que sejam reconhecidos(as) e que o governo faça a sua parte. A ação voluntária não é vista somente como um ato isolado. Os(as) jovens alertam que o reconhecimento é do “trabalho voluntário”, e não como fonte de autopromoção. Vale destacar que os(as) jovens reconhecem a importância desse Caminho tanto para quem “recebe” como para quem “pratica”. A prática do voluntariado é entendida também como “um despertar” para a ação, e não necessariamente a para a solução concreta do problema, enfatizando algo mais “processual” do que “salvacionista”.

A **condição** para a escolha do Caminho 3 está associada a formação de grupos e que os(as) jovens podem interferir na sociedade a partir dessa via da cultura e também tem consciência que não podem agir sozinhos(as) (dependendo de parcerias com governo, por exemplo). Para conseguir soluções por esse Caminho, sugerem parcerias entre diversos grupos juvenis e governo. Os(as) jovens que acreditam no “poder do(a) jovem” são aqueles(as) que aumentam a crença no Caminho 3, enquanto aqueles(as) que propõem parcerias mudam de opinião para menos na escolha desse Caminho.

Nos pequenos Grupos, o diálogo fluiu com mais naturalidade quando os(as) jovens expressaram suas idéias marcadamente a partir de suas vivências. A parte da manhã constituiu-se por diálogos mais intensos que denunciavam ausências e responsabilidades e anunciavam necessidades e interesses.

Em relação aos temas/problemas analisados no turno da manhã, percebeu-se que os(as) jovens dos cinco Grupos não fugiram dos temas: educação, trabalho, cultura/lazer. Mas, em alguns Grupos, os(as) jovens tiveram dificuldades em entender as informações que resumiam cada Caminho Participativo.

Na parte da tarde, observou-se que os(as) jovens desta pesquisa demonstraram mais facilidade para falar dos problemas que enfrentam e mais dificuldade para se pensarem participantes, propondo caminhos, engajamentos e soluções. O que é compreensível num país em que alguns decidem em nome de todos. Não há uma cultura de participação.

As falas dos pequenos Grupos trazem diferentes situações de jovens que não conseguem projetar o futuro, encurralados(as) por uma escola que não qualifica, um mercado de trabalho que os(as) exclui e uma sociedade que não escuta. Ao mesmo tempo, o desejo de fazer parte, acreditando na possibilidade da mudança, acreditando que podem fazer algo para construir *“o Brasil que queremos”*.

As questões da sociabilidade são fortes. Em pouco tempo, trocam idéias, experiências, endereços, gostos e tornam-se amigos(as). Evidencia a necessidade do estar em grupo e pertencer a uma coletividade, cujo sentido está na relação, na corporeidade, nas manifestações das culturas juvenis, nas roupas, cabelos, adereços, celulares etc. Nessas diversas “linguagens” de comunicação das culturas juvenis, talvez não tenham sido devidamente “aprofundadas”, durante os diversos GDs, especialmente naquilo que poderia representar indicadores de solidariedade, sociabilidade, espírito gregário, senso de “pertença” e outros elementos que poderiam indicar temas “latentes” aos apresentados para o Dia de Diálogo.

Os(as) jovens do Grupo com experiência participativa demonstraram mais autonomia na organização e compreensão das atividades. Ao chegarem às salas, organizaram-se e distribuíram as funções, independente do(a) facilitador(a) responsável por cada Grupo.

O tema da **educação** ficou restrito à escola e os(as) jovens de todos os Grupos fazem uma denúncia às condições da escola pública, evidenciando a péssima infra-estrutura, os baixos salários, metodologia com aulas pouco atraentes, a violência no entorno da escola e a falta de professores(as), que é constante. Esses aspectos não reduzem a importância da “presença do equipamento público – escola” dentro do espaço e do tempo de “formação” dos(as) jovens. Essa formação não se centra na exclusividade da “construção do conhecimento”, mas é certamente um estratégico espaço de manifestação das culturas juvenis e, dentro delas, a experiência da participação (grêmio estudantil, grupos musicais, esportivos etc.).

A **droga**, como problema que preocupa os(as) jovens, por um olhar de fora e pelo senso comum, só apareceu em um dos cinco Grupos de Diálogo, entre aqueles de 15 a 24 anos, e foi esse grupo que fez uma relação muito direta entre escola e trabalho, acreditando na possibilidade da escola ampliar as possibilidades de emprego/trabalho.

A respeito do **trabalho**, os(as) jovens apontam as limitadas oportunidades, a exigência de experiência e as diferenças salariais, tanto geracional quanto de sexo, que existem no Brasil. Questões que estão situadas no contexto das alterações no mercado de trabalho, nas últimas décadas, que acentuaram a exclusão de parcela dos(as) jovens, a partir do desassalariamento e trabalho informal, além do desemprego. Os(as) jovens constituem a faixa da população economicamente ativa (PEA) mais atingida pelo desemprego. Acompanhando dados analisados por Spósito (2003), os índices de desemprego em 2001 chegaram a 12,1% para todas as faixas etárias, mas, para os(as) jovens de 15 a 19, foi de 27,3%, e nas faixas etárias de 20 a 24 anos de 18,9%.

No tema da **cultura**, denunciam os custos altos, a violência e falta de segurança, centralização das oportunidades em grandes centros urbanos e anunciam a importância de resgatar as culturas das comunidades, ampliar a presença do Estado com mais oferta de lazer e cultura.

O Grupo de Diálogo dos(as) jovens com experiência participativa destaca a cultura como caminho articulador para atingir outras coisas. *“Começar pela cultura, pelo que os jovens gostam”*, como eles(as) dizem. Nesse Grupo, as falas apontam indícios, mesmo que nas falas isoladas, para a idéia do(a) jovem como produtor(a) cultural, o que não é comum nos demais Grupos.

As conclusões dos(as) jovens pesquisados, da RMPA, situam-se no contexto de um país que tem um número expressivo de jovens sem um conjunto mínimo de direitos que lhes permitam viver a juventude e ter acesso aos bens culturais, à educação, ao trabalho ao tempo livre. Os(as) jovens como sujeitos de direitos no campo das políticas públicas na área da cultura indicam uma demanda mais centrada na “garantia” do acesso a esses bens culturais (segurança, transporte, descentralização, preços) do que na condição de produtores(as) (grupos de música, teatro, promovendo eventos etc.). Essa ênfase acima estaria relacionada com os(as) jovens assumindo mais a condição de alunos(as) e trabalhadores(as) do que sujeitos culturais. Tomando Dayrell (1996, 137) como inspiração, poderemos entender a “presença” da escola como um espaço “possível” para as ações culturais. Segundo ele, a escola como espaço sociocultural é entendida como um espaço social próprio em dupla dimensão: institucional e cotidianamente. A primeira dimensão envolve um conjunto de normas e regras que buscam unificar e delimitar a ação dos sujeitos, e a segunda dimensão é composta por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, com alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais ou coletivas, de transgressão e de acordos. E é esse processo de apropriação permanente dos

espaços e das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar. A realidade escolar aparece, portanto, mediada pela apropriação, elaboração, reelaboração ou repulsa expressas pelos sujeitos sociais.

Reconhecendo a diversidade dos coletivos juvenis, torna-se necessário considerar que desenhos institucionais poderão romper com as estruturas burocráticas e tradicionais da cultura política administrativa brasileira que promove a cultura. Outro aspecto relevante a considerar é, ao mesmo tempo em que amplia os espaços de cultura e lazer, potencializa as expressões da cultura juvenil.

Em relação aos **Caminhos Participativos**, os(as) jovens que participaram dos cinco Grupos de Diálogo formaram um **quarto** Caminho, a partir da combinação dos três, escolheram os três numa associação com os problemas ou fizeram algumas combinações de Caminhos. Mas a tendência maior foi não escolher um Caminho de forma exclusiva, demonstrando, talvez, um entendimento da complexidade das situações que pedem soluções também complexas e coletivas.

Um novo e quarto Caminho significa aos(às) jovens assumir um princípio anterior a qualquer ação: o da escolha. Existe uma clara generosidade na fundamentação da escolha, no sentido de que algo precisa ser feito, se o governo não faz, ou para chamar atenção do governo. Algo que poderia ser aprofundado a partir dessa constatação é que a dinâmica proposta na metodologia dos GDs – conectando problemas (educação, trabalho e cultura/lazer) com Caminhos (1, 2 e 3 e “superações”) – de alguma forma revela a “sensibilidade” também do “lado” de quem propôs essa estratégia pois, sem ser “prescritiva”, ela se tornou “acolhedora” das diversas falas dos(as) jovens.

Considerando as semelhanças resultantes das plenárias, percebe-se que as mesmas foram densamente listadas e defendidas nas plenárias. Além dos três temas da pesquisa, a preocupação com as drogas ficou muito evidenciada num dos Grupos e a questão da reforma agrária e controle da natalidade apareceu subentendida no Grupo com experiência participativa.

As manifestações são no sentido de cobrar do governo aquilo que não funciona na educação, trabalho e cultura, mas sem muita clareza de como fazer isso. Ao mesmo tempo, reconhecem que precisam fazer sua parte.

Observa-se que não houve muita associação entre os problemas e os Caminhos. Os(as) jovens escolheram os Caminhos híbridos como forma de iniciar uma ação, destacando a parte do governo e dos(as) próprios(as) jovens.

Numa perspectiva mais genérica, pode-se aferir alguma relação entre temas e Caminhos quando os(as) jovens preferem a combinação entre todos os Caminhos, conforme os problemas, e ainda mais quando claramente identificam situações injustas de ordem mais estrutural, como acesso ao emprego, altos preços para eventos culturais e mesmo salários dos(as) professores(as) e situações materiais das escolas. Assim, os(as) jovens demonstram os limites de suas ações quando os problemas envolvem situações de ordem mais estrutural.

Situações estruturais (salários, segurança etc.) são apontadas como responsabilidade do governo, quase sempre federal, e aparecem poucas responsabilidades dos(as) jovens em agir sobre o governo, no sentido de mais cobrança e menos inserção. Exceção talvez ao GD1 – Grupo com experiência de participação –, quando a ação juvenil organizada constrói respeito frente à autoridade governamental.

Na escolha do Caminho 2, mesmo combinados com outros, o compromisso quase sempre foi de ajudar aos(às) outros(as) (hospitais, escolas, vilas, comunidade) e não enfrentar os seus problemas, como por exemplo, no mundo do trabalho, a experiência foi muito enfatizada para conquistar primeiro emprego, mas, nos Caminhos, não ocorreu nenhuma proposta de alguma cooperativa para iniciação a prática relacionada ao mundo do trabalho.

O Caminho 1 foi pouco associado com sindicato, movimento social e muito menos movimento estudantil, grêmios estudantis, o que seria esperado. Os(as) jovens dizem que o Caminho 1 *levaria direto ao problema*, ou seja, “tem problema, chama governo para resolver”. Ao mesmo tempo, tem-se uma ausência de falas que indiquem alguma estratégia de ação para criar mecanismos de pressão no governo (atos públicos, abaixo assinados ou filiações em partidos, sindicatos, grupos políticos, ONGs etc.).

Sobre a **metodologia** que, ao primeiro olhar, nos limites do tempo, parecia não ser possível estabelecer, o Diálogo observou-se um rico levantamento de dados qualitativos e quantitativos que foram, em parte, analisados neste relatório. A íntima e estreita articulação entre os seus diferentes momentos permite a tessitura de análises que extrapolam o anunciado e sistematizado neste texto. A metodologia é desafiadora e pede continuidades, por outras entradas e, quem sabe, com uma nova rodada de Diálogos, com alguns(mas) jovens de cada Grupo, ou com uma reflexão coletiva e participativa na devolução dos dados a quem eles pertencem, ou seja, aos(às) jovens.

Nesta parte final do texto, retomemos o tema principal da pesquisa, **participação**, com referência aos estudos sobre juventude que apontam que os conteúdos da participação social estão voltados para temas como: democracia, direitos sexuais, equidade de gêneros, direitos humanos, direitos indígenas, paz e meio ambiente. Este último, um tema fundamental que tem gerado um novo ator social, pois a destruição do meio ambiente é uma luta que incorpora diferentes setores e classes com uma capacidade de ação em torno de assuntos concretos em âmbito local, ao mesmo tempo em que se estabelecem redes e condenações nacionais e internacionais.

Serna (1997) vai dizer que é justamente essa uma característica da participação juvenil hoje em dia: a diversidade e a dispersão dos conteúdos e das formas de atuar, entendendo a participação juvenil como um processo em constante movimento, pois os grupos, redes, movimentos, organizações nascem e morrem, renascem com novos nomes e propostas e esse contínuo recriar parece ir construindo os(as) jovens como atores sociais.

Para além de uma “disposição sem engajamento”, revelada pelas pesquisas quantitativas, há muitos(as) jovens que participam efetivamente. Talvez devêssemos construir novas perguntas e novos olhares para perceber a existência de diferentes formas de mobilização entre os(as) jovens, que, segundo Abramo (2004):

() vão desde a recusa passiva - postura que, mais que uma manifestação de apatia, contém a emissão de recados críticos à sociedade (que também pode ser interpretada como impugnação, como repulsa a um sistema do qual se sentem excluídos), até uma participação política que propõem mudanças (em movimentos estruturados, partidos, sindicatos etc.), passando pela participação individual ou grupal em organizações comunitárias, ou em torno dos mais diferentes tipos de causas, que podem ir das mais locais às mais planetárias, como voluntários em distintos tipos de atividades organizadas por diferentes tipos de instituições, participação em movimentos informais dos mais distintos tipos, em grupos de lazer, em movidas culturais, em “tribos”, assim também, como já citamos, em formas violentas e destrutivas com relação a ordem e segurança social, como no caso das *pandillas* e algumas torcidas organizadas de esporte.

Por fim, se pensarmos que a participação juvenil hoje é plural, dispersa e fragmentada, tem uma capacidade de ação relacionada a um assunto concreto, é não institucionalizada, é formada por redes vinculantes e flexíveis, que políticas públicas poderão situar os(as) jovens como sujeitos de direito. Pensar políticas públicas de juventude é promover um desenvolvimento social que assegure a justiça social e uma esfera pública democrática.

Os(as) jovens desta pesquisa apontam alguns caminhos quando anunciam que as questões da sobrevivência são fundamentais para que possam realizar projetos de vida que incluam a participação e a luta pela construção de um Brasil melhor.

Finalmente, nestas conclusões, devemos mencionar um aspecto de ordem metodológica. Se o conjunto dos relatórios formar um único documento a ser socializado em formas múltiplas (impresso, virtual) ou em eventos, congressos etc., e mais, se for encaminhado para o governo federal, junto à Secretaria Nacional de Juventude, vale insistir nos aspectos que podem afetar na formulação de políticas públicas para além do seu conteúdo, público-alvo, referenciais teóricos etc. Reforçamos que “dinâmicas” interativas com jovens podem se tornar *conditio sine qua non* para a implementação com alguma garantia de sucesso.

Mais, a interação com políticas públicas inovadoras, ousadas e qualificadas precisa de uma estratégia comunicativa que pode ter referência, mesmo em parte, do que foram os Dias de Diálogo: um documento-fonte para desencadear a informação/discussão; dinâmicas de apropriação dessa informação (*banners*, CD-ROM, cartazes); estratégias de interação por meio dos pequenos Grupos e posterior troca nos grandes Grupos (plenárias). Até aí pode parecer algo “de ordem geral”. Queremos destacar fortemente a decisiva instância para que os nossos GDs (aqui do Sul) funcionassem bem: OS PEQUENOS GRUPOS!!!

Fica um alerta: criar políticas públicas, baseadas em grandes números, valores imensos, regiões amplas, temas múltiplos etc., tudo isso para ser mais eficaz e eficiente, como indicador de ENRAIZAMENTO, vai depender de uma garantida presença de jovens em forma de pequenos Grupos como instância de discussão, compreensão e posterior “afunilamento” e implementação.

8. Bibliografia

- ABRAMO, Helena. **Jovens e Juventude**: Contribuições – Participação e organizações juvenis. www.iets.org.br 13.07.2004.
- CANDAU, Vera Maria (org.). **Reinventar a Escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1997.
- DAYRELL, Juarez T. **A escola como espaço sócio-cultural**. In: Dayrell, Juarez T. (org.). *Múltiplos Olhares sobre a educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.
- ISLAS, José Antônio Pérez. PRO(DIÁ)LOGO, **Políticas de Juventud del nuevo siglo: para mirar lo que vemos**. In: JOVENes, Revista de Estudios sobre juventud. México: Nueva Época, n.º 11, 2001.
- MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. **La Juventud Es Más Que Una Palabra**. Buenos Aires: Biblos, 2000.
- MELUCCI, A. In **Revista Brasileira de Educação**. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. n.º 5 Mai/Jun/Jul/Ago, n.º 6 set/out/nov/dez 1997.
- _____, Alberto, **A Invenção do Presente**. Movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____, Alberto. **Movimentos Sociais, renovação cultural e o papel do conhecimento**: Entrevista com Leonardo Avritzer e Timo Lyra. *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, v. 40, p.152-166, nov. 1994.
- _____, Alberto. **O Jogo do Eu – A mudança de si em uma sociedade global**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.
- MISCHE, Ann. **De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política**. In: *Juventude e Contemporaneidade*. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: ANPED, Número Especial: n.º 5: mai/jun/jul/ago e n.º 6: set/out/nov/dez, 1997.
- SALLAS, A. L. F, BEGA, M. T. S., MORAES, P. R. B., VILLA, R. D. In. FRAGA e IULIANELLI (org). **Jovens Em Tempo Real**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- SERNA, Leslé. Globalización y participación juvenil. In: **Revista JOVENes**. México: DF, julio-diciembre, Año 1, n.º 5, 1997, p.42-57.
- SILVA, N. D. V.; KASSOUF, A. L. **A exclusão social dos jovens no mercado de trabalho brasileiro**. Revista Brasileira de Estudos Populacionais, v. 19,n.º 2, jul./dez. 2001.
- SPOSITO, Marília Pontes. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.
- UNGER, Nancy Mangabeira. **Da foz à nascente. O recado do rio**. Campinas: Cortez, 2001.

Rede parceira: Ação Educativa, Centro de Referência Integral de Adolescentes, Escola de Formação Quilombo dos Palmares, Instituto de Estudos Socioeconômicos, Instituto Universidade Popular, Iser Assessoria, Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais, Observatório Jovem do Rio de Janeiro da Universidade Federal Fluminense e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Coordenação

iBetinho
Base



PÓLIS
INSTITUTO DE ESTUDOS,
FORMAÇÃO E ACESSORIA
EM POLÍTICAS SOCIAIS

Apoio

10th Anniversary  10^e anniversaire
CPRN **RCRPP**
Fresh Ideas for Canada's Future

IDRC  **CRDI**